ISSN – 0553-8467

PESQUISAS

ANTROPOLOGIA, Nº 58 ANO 2002

CASAS SUBTERRÂNEAS

NAS TERRAS ALTAS DO SUL DO BRASIL

PEDRO IGNÁCIO SCHMITZ
Editor

Instituto Anchietano de Pesquisas – UNISINOS
São Leopoldo – Rua Brasil, 725 – Rio Grande do Sul - Brasil

INSTITUTO ANCHIETANO DE PESQUISAS – UNISINOS
Rua Brasil, 725 – 93010-030 São Leopoldo, RS – BRASIL
Caixa Postal 275
E-mail: anchieta@helios.unisinos.br
Diretor: Pedro Ignácio Schmitz

PESQUISAS
PUBLICAÇÕES DE PERMUTA INTERNACIONAL
Diretor: Pedro Ignácio Schmitz, S.J.

Comissão Editorial
Artur Rabuske, S.J. – Coordenador de História
Josef Hauser, S.J. – Coordenador para Zoologia
Josafá Carlos de Siqueira, S.J. – Coordenador para Botânica
Pedro Ignácio Schmitz, S.J. – Coordenador de Antropologia

Conselho Editorial
Rafael Carbonell De Masi, S.J.
Beatriz Vasconcelos Franzen
Maria Gabriela Martin Avila
Ana Luisa Vietti Bitencourt
Bartomeu Melià
Albano Backes
Paulo Günter Windisch

PESQUISAS publica trabalhos de investigação científica e documentos inéditos em línguas de uso corrente na ciência.
Os autores são os únicos responsáveis pelas opiniões emitidas nos trabalhos assinados.
A publicação de colaborações espontâneas depende da Comissão Editorial.
Pesquisas aparece em 3 secções independentes: Antropologia, História, Botânica.

PESQUISAS publishes original scientific contributions in current western languages.
The autor is responsible for his (her) undersigned contribution.
Publication of contributions not specially requested depends upon the redactorial staff.
Pesquisas is divided into 3 independent series: Anthropology, History, Botany.

Pesquisas / Instituto Anchietano de Pesquisas. – (2002). São Leopoldo: Unisinos, 2002.

175p. (Antropologia; n. 58)

ISSN: 0553-8467

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca da Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Pesquisas, Antropologia está indexada em *Ulrich's International Periodicals Directory* e CLASE, entre outras indexadoras.

O PROJETO VACARIA: CASAS SUBTERRÂNEAS NO PLANALTO RIO-GRANDENSE[1]

Pedro Ignácio Schmitz[2]
Jairo Henrique Rogge[3]
André Osorio Rosa[3]
Marcus Vinicius Beber[3]
Julian Mauhs[3]
Fúlvio Vinícius Arnt[3]

Introdução

No fim da década de 1960, nas décadas de 1970 e 1980, houve pesquisas e estudos relacionados com os fenômenos arqueológicos do planalto do Sul e Sudeste do Brasil, conhecidos como *casas subterrâneas* e a cerâmica da tradição Taquara/Itararé, que as acompanha (Menghin, 1956; Chmyz, 1968, coord. 1977; Miller, 1971, 1974; Lazarotto e outros, 1971; Rohr, 1971; Prous, 1979; Reis, 1980; Mentz Ribeiro, 1991, 1999/2000; Mentz Ribeiro & Ribeiro, 1985; Mentz Ribeiro e outros, 1994; La Salvia, 1983; Kern, 1985; Schmitz, 1988, 1999/2000, 2002; Schmitz e outros, 1988: Schmitz e Basile Becker, 1991; Schmitz e equipe, 2001; Robrahn, 1989; Reis, 1997; Araujo, 2001; Krever & Haubert, 2001, para citar alguns dos mais importantes). A mesma cerâmica aparece em sítios litorâneos do Sul do Brasil, estudados por Beck (1972), Chmyz (1976), Neves (1988), Silva e outros (1990), Schmitz e outros (1993); Schmitz & Verardi (1996), para citar os mais importantes.

A associação dos sítios do planalto com os do litoral deu origem a um primeiro modelo de ocupação territorial dos grupos responsáveis pelos sítios (p. ex.

---

1 – Projeto executado pelo Instituto Anchietano de Pesquisas/UNISINOS, financiado pela instituição executora, a FAPERGS (Proc. 96/1889-0 e bolsistas de IC) e o CNPq (bolsistas de Produtividade Científica, Apoio Técnico e Iniciação Científica).
Bolsistas: Recém-mestre, IAP: Juliane Maria Izidro; Apoio Técnico, CNPq: Maria Luiza B. Krever, Fabiana Haubert e Maria da Glória Demamann, Vinicius Borges Braun; Iniciação Científica: Kelly de Oliveira, Cátia A. Grespan, Jefferson L. Zuch Dias, Juliana Ramanzini, Daniel Reis Teixeira, Micheline Vergara da Silva (CNPq).
2 – Instituto Anchietano de Pesquisas/UNISINOS, e-mail: anchieta@helios.unisinos.br. Bolsista do CNPq.
3 – Instituto Anchietano de Pesquisas/UNISINOS.

Schmitz, 1988). Apesar de serem cultivadoras incipientes, essas populações dependeriam fortemente de recursos naturalmente disponíveis, estacionalmente, no planalto, talvez também no litoral e os levaria a migrações anuais, com assentamentos adaptados aos vários ambientes e adequados às atividades a serem desenvolvidas. O núcleo central de povoamento e referência parecia ser o planalto. Datações absolutas e relativas dos sítios de um e outro ambiente e sua associação às populações Kaingang completaram o modelo utilizado até agora.

Esta construção ainda é genérica e contém muitos elementos de fé. Nela se relacionavam as estruturas cavadas no chão com as temperaturas do planalto, se supunha que as depressões seriam ruínas de moradias e que a razão do grande investimento nas mesmas seria a abundância do pinhão no período frio do ano; por outro lado se pleiteava que parte dos sítios litorâneos correspondiam a acampamentos das mesmas populações, ao passo que outras seriam aldeias do mesmo grupo.

Um aspecto importante, não esclarecido, eram as formas de ocupação das estruturas subterrâneas do planalto e suas funções, a maneira como se formaram os conjuntos dessas estruturas, nos quais geralmente se encontram algumas estruturas maiores e mais fundas lado a lado com outras menores e/ou mais rasas, além de pequenos montículos semelhantes a túmulos de terra, montículos maiores, círculos superficiais entaipados e possivelmente ocupação de galerias subterrâneas.

Outro aspecto era a pleiteada associação dessas estruturas com as populações Kaingang estudadas a partir do século passado (especialmente Silva, 2001 e Laroque, 2000) e, neste caso, a passagem de estruturas subterrâneas para habitações superficiais.

O objetivo estabelecido para a etapa que estamos relatando é conhecer o sistema de assentamento do grupo no planalto.

Dentro do objetivo geral, que é a caracterização do sistema de assentamento, os resultados alcançados são parcelas iniciais de conhecimento sobre a distribuição dos sítios no espaço delimitado e sua implantação no ambiente; a composição de três sítios escolhidos como primeiras amostras; a caracterização das estruturas construídas e de seus espaços internos e externos de atividades; a caracterização dos artefatos líticos e cerâmicos e a distribuição dos refugos.

O trabalho de campo foi realizado por pesquisadores e bolsistas do Instituto Anchietano de Pesquisas, como se pode ver na relação seguinte.

Primeira expedição: 07-08/05/94. Jairo H. Rogge e André Osorio Rosa. Contato com a prefeitura de Vacaria e primeira visita no campo.
Segunda expedição: 19-30/01/98. Marcus V. Beber, Julian Mauhs e Jefferson L. Zuch Dias. Localização, UTM, descrição sumária de 21 sítios. Relatórios 1998 de Marcus V. Beber.
Terceira expedição: 16-20/03/98. André, Julian, Maria Luisa B. Krever, Fabiana Haubert, Juliane Maria Izidro. Estudo dos abrigos com esqueletos do Perau das Cabeças, RS-A-28. Relatório prévio de André Osorio Rosa.

Quarta expedição: 04-08/05/98. Marcus, Julian, André, Fúlvio V. Arnt. Planta baixa de dez sítios. Relatório geral 1998 de Marcus V. Beber.
Quinta expedição: 03-07/08/98. Marcus, Julian, André. *Janelas* junto às casas 1 e 2 do RS-A-27.
Sexta expedição: 19-23/10/98. Marcus, Julian, André. *Janelas* junto às casas 1 e 2 do RS-A-27.
Sétima expedição: 09-13/11/98. Marcus, Julian, André, Ana Luiza V. Bitencourt. *Janelas* junto às casas 1 e 2 do RS-A-27. Relatório de 1998 de Marcus V. Beber.
Oitava expedição: 04-16/01/99. Pedro Ignácio Schmitz, Jairo, Julian, André, Marcus, Fúlvio, Jefferson. 26-29/01/99. Jairo, Julian, André, Ana Luisa. *Janelas* junto à casa 03 e ao montículo grande, corte A na casa 03, fitossociologia da mata. Relatório 1999, de Pedro Ignácio Schmitz.
Nona expedição: 03-29/01/2000. Schmitz, Jairo, Marcus, André, Julian, Fúlvio, Jefferson, Simone Benet Fontoura, Ana Luisa, Juliana Ramanzini, Rafael Corteletti. Escavação nas casas 2, 3, 6, 7, 8 e no montículo grande, topografia, RS-A-27. Relatório 2000, de Pedro Ignácio Schmitz.
Décima expedição: 02-27/01/01. Schmitz, Jairo, Marcus, André, Julian, Fúlvio, Juliane, Daniel Reis Teixeira, Cecília Maciel Barroso, Luri Angélica Yoshida, Andrea V. dos Santos. Escavação nas casas 1, 2, 3, 4, 8, 13 e no montículo e topografia, sítio RS-A-29. Relatório 2001, de Pedro Ignácio Schmitz.
Décima primeira expedição: 02-30/01/02. Schmitz, Jairo, Marcus, André, Julian, Fúlvio, Jefferson, Juliane, Daniel, Ana Luisa, Simone Capovilla, Cátia A. Grespan, Kelly de Oliveira, Maria da Glória Demamann. Escavações na casa 1, 2, 3, 4, 5 e abertura de *janelas* junto à casa 1, 3, 4 e 5. Relatório 2002, de Pedro Ignácio Schmitz.

Jairo H. Rogge fez os desenhos de campo e sua elaboração posterior. Também analisou o material lítico e cerâmico, ajudado por bolsistas. Ana Luiza Vietti Bitencourt realizou a topografia do sítio RS-A-27. Julian Mauhs pesquisou a fitossociologia da mata em que se encontra o sítio (Mauhs & Backes, 2002). André Osorio Rosa ocupou-se da fauna da área. Luiza Maria B. Krever, Fabiana Haubert, Juliane Maria Izidro e André Osorio Rosa estudaram o abrigo funerário com seus esqueletos (Rosa, 1999; Krever & Haubert, 2001). Fúlvio V. Arnt fez a editoração eletrônica das figuras, tabelas, gráficos e do texto. Pedro Ignácio Schmitz coordenou as atividades e fez a redação final e a disposição das ilustrações.

As estratégias propostas para alcançar o objetivo da presente etapa vão desde a escolha de uma área propícia, a localização dos sítios na área, sua avaliação e a opção por alguns deles para detalhamento.

A área escolhida encontra-se no município de Vacaria e abrange aproximadamente 25 km de diâmetro (Folha Vacaria SH.22-X-A-IV-MI-2937/1, da carta do Exército, 1980, escala 1:50.000) na qual, em visita prévia, se haviam conhecido diversos sítios. Nesse pequeno espaço existe ambiente característico do planalto: terrenos ondulados com campos quase limpos, terrenos mais movimenta-

dos com mata mista e numerosos pinheiros, e terrenos acidentados com matas densas de encosta, com poucos pinheiros, em altitudes situadas entre mais de 800 e menos de 600 m. Os três tipos de ambientes estão quase igualmente representados na área em estudo.

No percorrimento inicial foram localizados 21 sítios, reconhecidos através da informação dos moradores, visita do lugar e palmilhamento do terreno. Com auxílio do GPS foi estabelecida a posição geográfica exata de cada sítio. As estruturas foram descritas, mapeadas e plotadas em fotos aéreas, com auxílio de medições superficiais e imagem de satélite. (Figura 01)

Identificados os sítios, foram escolhidos, para detalhamento, três deles, um com 13 casas, um montículo grande e um médio, um com aproximadamente 40 casas e um montículo grande, e um abrigo rochoso com sepultamentos. Os sítios com casas estão em colinas próximas, que distam entre si uns 500 m. As estruturas cobrem, cada uma, aproximadamente 500 m de extensão; o abrigo com sepultamentos dista uns 5 km em linha reta.

O trabalho nos sítios consistiu e numa topografia inicial e descrição da flora e da fauna.

A composição geológica da área é o basalto, que produz solo útil para a agricultura; às vezes ele é raso e, no alto das colinas, deixa aflorar blocos ou a rocha maciça. O local, antigamente, estava coberto por mata mista com muitos pinheiros, da qual sobram hoje pequenos fragmentos, tendo sido o resto transformado em campos de pastagem e pequenas lavouras e hortas junto das moradias.

Depois são escolhidas estruturas a serem escavadas buscando definir a forma da casa e a distribuição vertical e horizontal dos restos dentro dela. Nas casas a intervenção mais comum é a abertura de cortes, que chegam a formar trincheiras, abrangendo tanto o centro da casa, como sua borda; estes cortes costumam ter um metro de largura. Os sedimentos são removidos em níveis de 10 cm, acompanhando o desnível da superfície; os materiais são registrados em planilhas por nível e recolhidos para estudo em laboratório. De 10 em 10 cm são colhidas amostras de solo para análise granulométrica e química e para análise de pólen. Os perfis de todas as paredes são desenhados, as paredes e pisos definidos.

Nos grandes montículos, com a mesma técnica, são feitos cortes para definir sua origem e função.

Na periferia das estruturas visíveis, em áreas de mata não perturbada, são feitos cortes de 1 x 1 m, em distâncias de aproximadamente 5 m para caracterizar a utilização do espaço não construído; cortes que detectam estruturas podem ser ampliados para melhor visualização do fenômeno que revelam.

Amostras de carvão e de cerâmica são recolhidas para datação por C^{14} e termoluminiscência.

Em laboratório, os materiais líticos e cerâmicos recolhidos são limpos, numerados e analisados. Carvões e amostras de cerâmica são encaminhados para os laboratórios de datação: carvão para o laboratório Beta Analytics, através de Betty J. Meggers; cerâmica para Sônia Tatumi, do Laboratório de Vidros e Datações da USP; os sedimentos deverão ser encaminhados a laboratórios compe-

tentes dentro do país. Os documentos escritos e os desenhos são passados a limpo, as fotografias identificadas.

Os resultados, na medida em que vão sendo produzidos, são divulgados de formas variadas, em artigos (Schmitz e equipe, 2001; Schmitz, 2002), conferências, aulas, artigos de jornal, comunicações em congressos.

O material permanente e os documentos são arquivados no Instituto Anchietano de Pesquisas, UNISINOS.

Os sítios do projeto Vacaria

Os dados abaixo, a não ser os dos sítios RS-A-27 e 29, são os do primeiro levantamento. Quando estes sítios forem submetidos a pesquisas mais intensas, com permanência nos mesmos durante mais tempo, as informações presentes podem sofrer alterações. As estruturas de alguns sítios não foram medidas na ocasião.

RS-A-27 – Nelson Lima e Agostinho Vieira. 13 casas, 1 montículo grande e 1 médio. UTM 0506277 6828028. Ver trabalhos feitos.

RS-A-28 – Dinartino Borges de Vargas. Jazigo funerário. UTM 0507008 6827283. Ver trabalhos de Rosa, 1999; Krever e Haubert, 2001.

RS-A-29 – Pedro Vieira Borges. 40 casas e 1 montículo grande. UTM 0506277 6828028. Ver trabalhos feitos.

RS-A-30 – Ernesto Kuse de Vargas Sobrinho. 20 casas dentro de mata de pinheiros em regeneração. UTM 0507082 6826201.
Casa 1: 4,70 x 4,90 m por 0,55 m de profundidade,
Casa 2: 3,70 x 4,60 m por 0,40 m de profundidade,
Casa 3: 3,50 x 4,00 m por 0,30 m de profundidade,
Casa 4: 4,10 x 4,30 m por 0,30 m de profundidade,
Casa 5: 4,30 x 4,20 m por 0,36 m de profundidade,
Casa 6: 4,60 x 4,90 m por 0,56 m de profundidade,
Casa 7: 4,10 x 4,40 m por 0,36 m de profundidade,
Casa 8: 4,90 x 4,60 m por 0,40 m de profundidade,
Casa 9: 3,70 x 4,20 m por 0,35 m de profundidade,
Casa 10: 3,40 x 3,70 m por 0,32 m de profundidade,
Casa 11: 2,90 x 3,60 m por 0,28 m de profundidade,
Casa 12: 3,50 x 3,90 m por 0,40 m de profundidade,
Casa 13: 3,20 x 3,20 m por 0,35 m de profundidade,
Casa 14: 3,50 x 3,40 m por 0,33 m de profundidade,
Casa 15: 4,20 m de diâmetro por 0,26 m de profundidade,
Casa 16: 3,00 m de diâmetro por 0,22 m de profundidade,
Casa 17: 3,10 m de diâmetro por 0,30 cm de profundidade.

RS-A-31 – Joaquim Borges de Vargas. 3 casas, uma delas tomada por árvores. UTM 0508038 6824136.
Casa 1: 6,80 x 6,40 m por 1,64 m de profundidade,
Casa 2: 6,10 x 6,30 m por 1,00 de profundidade,
Casa 3: 5,10 x 4,50 m por 0,88 m de profundidade.

RS-A-32 – Valmor Borges Padilha. 7 casas, três entulhadas no lugar onde estão atualmente as benfeitorias. UTM 0504137 6821631.
Casa 1: 4,30 m de diâmetro por 0,23 m de profundidade,
Casa 2: 3,80 m de diâmetro por 0,27 m de profundidade,
Casa 3: 3,80 m de diâmetro por 0,30 m de profundidade,
Casa 4: 4,30 m de diâmetro por 0,30 m de profundidade,
Casa 5: 3,40 m de diâmetro por 0,10 m de profundidade,
Casa 6: 4,10 m de diâmetro por 0,12 m de profundidade,
Casa 7: não medida.

RS-A-33 – Antenor Antunes da Silva. 1 casa, não medida. UTM 0503999 6821163.

RS-A-34 – Antonio Almeida Rocha. 7 casas e um montículo. UTM 0520773 6826420.
Casa 1: 9,10 x 8,30 m por 2,00 m de profundidade,
Casa 2: 7,60 x 7,80 m por 1,30 m de profundidade,
Casa 3: 12,60 x 11,40 m por 2,40 de profundidade,
Casa 4: 7,00 x 7,10 m por 2,30 m de profundidade
Casa 5: 16,00 x 2,80 m (quatro depressões alinhadas) por 0,80 m de profundidade,
Casa 6: 7,45 m de diâmetro por 0,70 m de profundidade,
Casa 7: 5,00 m de diâmetro por 0,60 m de profundidade.
Montículo: 11,60 x 5,60 m por 1,10 m de altura.

RS-A-35 – Geraldo Zambam. 2 casas. UTM 0521887 6826654.
Casa 1: 5,80 x 5,90 m por 0,95 m de profundidade,
Casa 2: 7,4 x 6,10 m por 1,00 m de profundidade,

RS-A-36 – Geraldo Zambam. 2 casas e um montículo. UTM 0522327 6826734.
Casa 1: 5,60 x 5,90 m por 0,40 m de profundidade,
Casa 2: 5,80 x 6,90 m por 1,70 m de profundidade.
Montículo: 6 m de diâmetro por 0,57 m de altura.

RS-A-37 – Geraldo Zambam. 2 casas. UTM 0521721 6826368.
Casa 1: 4,40 m de diâmetro por 1,20 de profundidade,
Casa 2: 6,10 x 6,75 m por 1,80 de profundidade.

RS-A-38 – Geraldo Zambam. 2 casas. UTM 0520855 6826737.

RS-A-39 – Geraldo Zambam. 13 casas. UTM 0520722 6826465.

RS-A-40 – José Adão Alves Guerreiro. 1 casa. UTM 0523791 6823514.
Casa 1: 8 m de diâmetro por 3,15 de profundidade.

RS-A-41 – José Adão Alves Guerreiro. 8 casas. UTM 0523642 6823414.
Casa 1: 9,30 x 9,00 m por 1,00 m de profundidade,
Casa 2: 3,70 x 7,80 m por 0,45 m de profundidade,
Casa 3: 3,00 x 2,70 m por 0,30 m de profundidade,
Casa 4: 4,40 m de diâmetro por 0,77 m de profundidade, conjugada com a 5,
Casa 5: 4,60 m de diâmetro por 0,55 m de profundidade, conjugada com a 4,
Casa 6: 3,10 m de diâmetro por 0,22 m de profundidade, conjugada com a 7,
Casa 7: 3,00 m de diâmetro por 0,20 m de profundidade, conjugada com a 6.
Casa 8: 6,30 de diâmetro por 0,50 m de profundidade.

RS-A-42 – Geraldo Pavam (falecido). 1 casa. UTM 0518304 6822066.
Casa 1: 12,10 x 13,80 m por 2,10 m de diâmetro.

RS-A-43 – Juventino Fernandes da Fonseca. 2 casas. UTM 0518039 6843882.
Casa 1: 16,10 x 15,60 m por 2,00 m de profundidade.
Casa 2: 7,45 x 6,70 m por 1,00 m de profundidade.

RS-A-44 – Juventino Fernandes da Fonseca. 1 casa, não medida. UTM 0518070 6843527.

RS-A-45 – Dinartino Borges de Vargas. 3 casas, não medidas. UTM 0501128 6826034.

RS-A-46 – Oliveira de Almeida da Silva. 12 casas, não medidas. UTM 0516139 6826867.

RS-A-46a – Oliveira de Almeida da Silva. 1 casa, não medida. UTM 0516458 6826824.

RS-A-47 – Leni Maria Paim Guedes. 3 casas, não medidas. UTM 0506742 6841356.

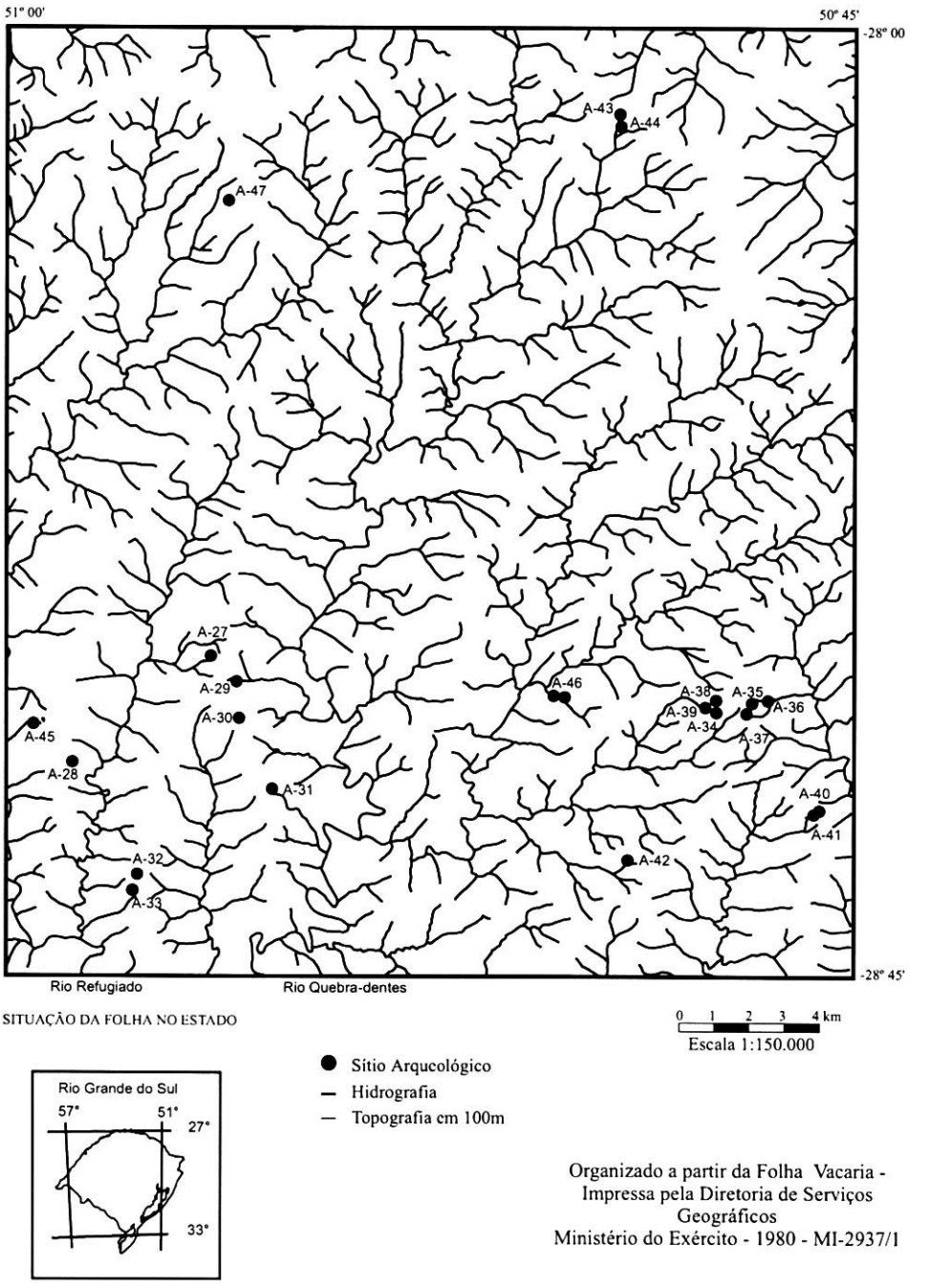

Figura 01: área do projeto com os sítios.

Sítio RS-A-27

Figuras 02 e 03

O sítio está sobre o topo e a encosta de uma colina, numa altitude de um pouco mais de 800 m, no divisor de águas entre os rios Quebra-Dentes e Refugiado, afluentes do rio das Antas, um dos formadores do rio Jacuí. UTM 0506277 6828028.

Sobre o mesmo divisor de águas, a distâncias muito pequenas, encontram-se mais três sítios semelhantes: RS-A-29, 30 e 31.

Antigamente toda a área era coberta por Mata Ombrófila Mista com Araucaria. A partir do fim do século XIX agricultores de origem lusa se fixaram nas matas para estabelecimento de pastos para o gado e cultivos de subsistência; mais tarde também exploraram a madeira dos pinheiros. Hoje a área é constituída por restos bastante empobrecidos de matas, campos de pastagem e pequenas plantações de subsistência junto às casas (Mauhs & Backes, 2002).

O sítio compõe-se de 13 casas e um montículo grande e um médio, distribuídos numa superfície de uns 500 m de extensão.

Três casas (número 9, 9a e 9b) estão em terras de Agostinho Vieira, as demais e o montículo estão nas terras de Nelson Lima.

O montículo e as casas 1, 2, 3, 4, 5, 5a e 10 estão no alto da colina, em terreno suavemente inclinado, em mata residual, muito degradada; as casas de número 6, 7 e 8 estão na encosta da colina que dá no córrego, em campos de pastagem. A casa 9 está junto à residência de Agostinho Vieira, serviu muito tempo de lixeira da casa e seu entorno é cultivado; 9a e 9b estão no pasto próximo; todas em terreno aplanado. (Figura 03)

As intervenções

Figura 04

O sítio se compõe de elementos aparentes, que são as casas e os montículos, mas inclui necessariamente também os espaços não construídos que os permeiam e circundam.

Intervenções de maior ou menor monta foram feitas em casas (1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8) e no montículo maior. Coleta de superfície foi feita nos arredores da casa 9.

Para descobrir as estruturas não visíveis entre os espaços construídos e ao redor deles foram realizados cortes de 1 x 1 m, distribuídos, com certa regularidade, pelas superfícies intactas, dentro do mato, entre as árvores. Em 1998 foram abertas 10 dessas *janelas* na proximidade da casa 1 e 2. Em 2002 foram abertas mais 26 *janelas* ao redor da casa 1, somando o total de 44,5 m^2. Em 1999 foram abertas 30 *janelas* ao redor da casa 3 e do montículo grande; em 2000 foram abertas mais 17 e em 2002 mais 2, num total de 54 m^2. Em 2002 foram abertas 8 *janelas* ao redor das casas 4 e 5, num total de 10 m^2.

O material arqueológico nos cortes externos encontra-se em terreno não perturbado pelo Homem, geralmente a pequena profundidade (15 a 20 cm), diretamente sobre o substrato original.

As *janelas* mostram que existe material lítico e cerâmico disperso ao redor das casas e do montículo, sem haver um lugar específico para deposição secundária de lixo. Como os restos se foram acumulando dentro das casas sem removê-los, assim também eles foram abandonados nos lugares em que eram manipulados ou cairam, o que nos dá oportunidade de recompor, parcialmente, as atividades desenvolvidas nos arredores das casas e nos espaços entre elas.

Como as *janelas* foram abertas ao redor de estruturas construídas é conveniente apresentá-las também em conjunção com estas. Asssim as *janelas* serão colocadas, no texto, logo após as estruturas correspondentes.

RS-A-27, Casa 3

Figuras 05, 08a, 08b

Esta casa está dentro do mato original, tendo como diâmetro 14 m, profundidade antes da escavação aproximadamente 2,00 m, forma em calota de esfera; espessura das camadas 70 cm. Dentro dela há duas grandes árvores (*bugre*), árvores menores e arbustos; na borda norte tinha sido cortado, pouco tempo antes, um pinheiro bastante grosso, cujo toco ainda estava bem conservado. O chão estava coberto por folhas. A casa estava perfeitamente preservada.

Ela dista 45 m do montículo grande, 125 m da casa dois, 118 m da casa quatro, 315 m da casa nove, 7 m do conjunto cerâmico a seu lado.

A casa é aproximadamente circular. A borda oeste, na parte mais elevada do suave aclive em que ela foi escavada, era naturalmente um pouco mais alta que a borda leste, a qual, por isso, recebeu um pequeno aterro, não muito alto e largo, mas que não foi suficiente para tornar nivelada toda a borda. Uma parte da terra removida para criar a depressão foi aí utilizada, mas a maior parte foi transportada para formar o montículo, distante 45 m.

Na metade leste a parede da casa desce suavemente para o centro, ao passo que na metade oeste a parede é mais empinada. Depois da escavação viu-se que a parte central da casa é uns 50 cm mais baixa que a parede/piso descendente, num diâmetro de perto de 3 m, constatando-se um degrau na inclinação natural desse piso. Nessa depressão e nas camadas que estão por cima dela encontra-se a maior parte do material.

O trabalho na casa foi feito nas seguintes etapas:

1999: foi aberta uma quadrícula de 1 x 2 m (A), no centro da casa, direção S para N, a partir da estaca topográfica. A parte demarcada foi aberta até 40 cm de profundidade; a partir daí a metade central da quadrícula (1 x 1 m) foi aprofundada até 70 cm.

Também foi aberta uma trincheira de 1 x 4 m (B), a partir da quadrícula A em direção à borda norte.

Depois foi aberta uma quadrícula de 1 x 2 m (C), paralela e contígua à A, na parte leste desta, de que, neste ano, foram abertos 4 níveis, sem chegar à base.
2000: Foi retomada a escavação das camadas que faltava remover nas quadrículas A e C.
Na continuação desta quadrícula, foi aberta outra de 1 x 2 m, que ultrapassa o centro da casa e foi denominada *Apêndice*.
Transversal à trincheira formada pelas quadrículas anteriores, em direção leste, foi aberta nova quadrícula de 2 m de largura por 2,50 m de extensão.
2002: Foi aberta uma trincheira do centro da casa até um pouco além da borda, correndo em direção sul. A trincheira foi dividida nos seguintes cortes:
Corte 2002, de 1 x 2 m, correndo paralelo, no lado oeste, à metade do corte A e ao Apêndice.
Corte 2002A, de 1 x 2 m, na continuação do corte anterior em direção sul.
Corte 2002B, de 1 x 1 m (o limite era uma pequena árvore), na continuação para sul do anterior.
Corte 2002C, de 1 x 2 m, na continuação do anterior, já em cima da borda.

As camadas da casa, de uma forma geral apresentam-se da seguinte maneira: sedimentos humosos, marrom-escuros, recentes; sedimentos areno-argilosos marrom-escuros, com muito material, na parte mais profunda mais argilosos e avermelhados; sedimentos argilosos, vermelhos, do substrato não escavado, formando o piso da casa.

A casa 3 é uma casa ampla, de paredes/piso pouco inclinadas, com pequeno rebaixamento perto do centro (uns 0,50 por 3 m), onde se encontra a maior parte do material.

As planilhas, por níveis de 10 cm, acompanhando a inclinação da superfície até alcançar o piso da casa, visualizam bem a distribuição do material. (Figuras 09 a 14). Não estão representadas nessas planilhas a quadrícula transversal, contígua à quadrícula C, nem a 2002C. A quadrícula 2002C só tinha 5 lascas e 7 fragmentos de cerâmica num único nível, por estar sobre a borda da casa. A quadrícula transversal tem algum material lítico e cerâmico nos níveis 1, 2 e 3, sempre na proximidade do centro da casa.

Ao todo foram recuperadas 797 peças líticas e 887 fragmentos cerâmicos. (tabelas 01 e 02)

O lítico foi separado nas seguintes categorias: lascas, núcleos, fragmentos de retalhamento, bipolares, percutores, pedras-de-fogão, seixos, estilhas, peças polidas, talhadores, raspadores, prismas trabalhados ou usados, lascas retocadas ou com sinais de uso, seixos com superfícies alisadas (ver detalhes no capítulo sobre lítico). O material lítico é predominantemente feito a partir de basaltos locais, em menor escala de quartzos cristalinos ou amorfos resultantes da decomposição dos mesmos basaltos.

A cerâmica foi separada, de acordo com o acabamento da superfície ou decoração, em: Simples, Brunida, Pinçada, Ponteada, Ungulada, Incisa, com Impressão de Cestaria, com Impressão de Corda, Acanalada e Vermelha.

Observando as planilhas de distribuição dos materiais pode-se observar o seguinte:

Nível 1, correspondendo predominantemente aos sedimentos posteriores ao abandono da casa, tem pouco material lítico e cerâmico, que está presente nas quadrículas do centro (A e C), na quadrícula B e na transversal, sempre na proximidade do centro (Figura 09).

O nível 2, que atinge o final da ocupação, tem um pouco mais material cerâmico e lítico, abrangendo as quadrículas anteriores e estendendo-se também para o Apêndice e a quadrícula 2002. Na quadrícula B já é alcançado o piso (Figura 10).

O nível 3 mostra um aumento importante do material, especialmente da cerâmica; o material aparece, agora, também nas quadrículas 2002 A e B. Na quadrícula transversal já é alcançado o piso. Na quadrícula 2002 foi obtida uma data de 723 ± 55 anos A.P. (LVD-625). Na quadrícula 2002A uma data de 950 ± 72 anos A.P.(LVD-624). (Figura 11)

O nível 4 continua com material abundante nas quadrículas A e C; no Apêndice aparece material na parte rebaixada, na outra parte já se alcançou o piso; o material continua nas quadrículas 2002, 2002A e B. A cerâmica ainda é abundante, mas o material lítico cresce mais (Figura 12).

Nível 5 já apresenta menos material, nas mesmas quadrículas, mas aparece especialmente na parte rebaixada do centro da casa. Percebe-se forte diminuição da cerâmica na parte central, ao passo que o lítico ainda é abundante (Figura 13).

Níveis 6 e 7 mostram uma quantidade de material muito menor, concentrada quase toda na parte rebaixada do centro. A cerâmica desapareceu quase completamente (Figura 14).

Especialmente no centro da casa, o material está de tal maneira acumulado que não se conseguem isolar fogueiras ou fogos individuais, porque elas se teriam repetido no mesmo lugar. Nas camadas mais superficiais da periferia a distribuição da cerâmica e a presença de cinzas com alguns grânulos de carvão são testemunhos ainda visíveis de fogueiras ou fogões. Estas fogueiras ou fogões geralmente eram armadas com alguns pequenos blocos ou seixos de basalto local, cujos restos, quebrados pelo fogo, constituem a maior parte do material lítico recuperado (pedras-de-fogão). Nos mesmos locais, sem indicar pontos específicos de trabalho, estão lascas unipolares, resíduos bipolares, fragmentos de lascamento e, em escala consideravelmente menor, núcleos, seixos, lascas com retoques ou marcas de uso, percutores, talhadores, raspadores, prismas trabalhados ou usados, raros artefatos polidos ou seixos com faces alisadas e, minimamente, estilhas.

A distribuição do material mostra que as atividades que deixaram restos (ligados principalmente à preparação de alimentos, como pedras-de-fogão e fragmentos cerâmicos) se acumularam, inicialmente, na parte central rebaixada; na medida em que esta ficou entulhada e se nivelou com a parede/piso descendente, estas atividades atingiram também o lado sul, onde a parede/piso é um pouco

mais empinada. Ficaram desimpedidos, para circulação, os lados norte e leste, onde a inclinação da parede/piso é suave e a borda da casa mais baixa.

Toda a depressão deveria estar coberta por uma estrutura construída, que protegeria da chuva, do frio e dos animais. Para impedir a alagação pela água a estrutura aérea deveria descer até o chão, ou cobrir muito além da depressão. Na casa 3 não foi possível identificar o lugar do esteio central com seus reforços de pedra, no meio de tanto material que entulhava a parte rebaixada do centro da casa.

A seqüência das camadas registradas nas planilhas sugere que no começo da ocupação a cerâmica era relativamente rara, como nas demais casas do sítio e que ela aumentou muitíssimo no decorrer da ocupação, tornando-se nisso diferente das outras estruturas do sítio, com exceção de um espaço próximo, onde foram realizadas as quadrículas da letra C. Neste espaço, de aproximadamente 20 m², que tem uma data parecida com as da casa 3, foram recuperados 2.494 fragmentos cerâmicos e uma quantidade proporcional de material lítico com as mesmas características do encontrado na casa mencionada. A grande quantidade de cerâmica encontrada na casa e no limitado espaço próximo faz pensar para essa estrutura uma ocupação diferente.

A casa 3, com seu piso rebaixado, inclinando suavemente para o centro e que, aos poucos vai sendo entulhado, pode ser tomada como modelo para as demais casas dos dois sítios pesquisados no projeto Vacaria.

A terra removida por ocasião do rebaixamento de seu piso não foi jogada do lado, nem dispersa nos arredores, mas, em pequena parte, usada para levantar um pouco a borda leste e, em sua maior parte, levada a 45 m de distância, onde criou um montículo que, certamente, possuía sentido social ou ritual no assentamento.

O montículo grande

Figuras 05 e 15

O montículo, no mesmo mato, a 45 m da casa 3, mede 12 x 11 m e 1,10 m de altura. Comporta, aproximadamente, o volume de terra retirado na construção da casa mencionada. Por ocasião da primeira pesquisa crescia sobre ele uma árvore grande, além de outras menores e arvoretas; partes da superfície e dos arredores estavam sem vegetação arbórea. Cercando-o, especialmente onde o aclive natural do terreno é um pouco mais acentuado, via-se bem uma canaleta, de aproximadamente 1 m de largura e uns 10 cm de profundidade.

Nossa intervenção no montículo foi a seguinte: em 1999 delimitamos uma trincheira de 1 m de largura, que ia do centro até além da canaleta mencionada, ao longo da medida maior do aterro. Na oportunidade aprofundamos até o substrato natural uma quadrícula de 1 x 1 m no final da trincheira, logo após a canaleta, sem que aparecesse qualquer material arqueológico. Depois abrimos o outro extremo da trincheira, no centro do aterro, numa superfície de 1 x 2 m, mas só alcançamos remover 20 cm. Em 2000 aprofundou-se a quadrícula até o substrato

natural, a 110 cm de profundidade. E estendeu-se o corte por mais 70 cm, em direção ao centro.

Os sedimentos são avermelhados, uniformes, compactos, um pouco mais meteorizados nos 10 cm superficiais.

No corte I apareceu material esparso nas profundidades de 30, 50, 60, 70, 86 e 90 cm; no corte II nas profundidades de 73, 84, 95 cm.

Ao todo foram recolhidas 22 peças líticas (2 lascas, 1 núcleo, 13 bipolares, 4 fragmentos, 2 pedras-de-fogão) e 4 fragmentos cerâmicos (Simples).

Na base do aterro, junto ao centro do montículo, em cima do substrato original, havia restos de uma fogueira bastante grande que modificara a consistência e a cor do solo subjacente. Os vestígios da fogueira apresentavam-se em círculos concêntricos, cujo olho era de terra escura, com bastante carvão, cercada por um círculo cor de tijolo (de uns 35 cm de diâmetro e 10 cm de espessura), circundado, por sua vez, por um círculo mais escuro, com carvão, em cuja borda apareceram 4 fragmentos cerâmicos de um mesmo recipiente, mostrando que se tratava de uma fogueira culinária. Por baixo da fogueira aparecia o solo original e na outra extremidade do corte a rocha decomposta.

A boa conservação da fogueira sugere que o montículo não foi construído muito tempo depois da mesma; caso contrário, as chuvas teriam modificado ou dissolvido sua estrutura. É possível que seja dos mesmos que criaram a casa e o montículo e ali prepararam uma refeição.

A data da fogueira é de 870 ± 60 AP (cal. 1025-1275 AD) (Beta-144247).

Por que afirmamos que o montículo foi construído com a terra da casa 3? A terra, argilosa, tem a mesma composição, cor e consistência. A outra casa, que poderia ter fornecido volume semelhante de sedimentos, seria a casa 2, mas seu substrato é saibro desagregado e cascalhento, que absolutamente não combina com os sedimentos do montículo. Também a data combina com as da casa 3 e com nenhuma outra.

As lascas e a cerâmica recuperadas nas camadas podem ter vindo da terra removida ou foram perdidas (colocadas) na hora da construção. Como mostram as *janelas* abertas ao redor do montículo, em toda a área existe material arqueológico e as pessoas que o construíam estariam acampadas na proximidade.

As *janelas* da casa 3 e do montículo

Figuras 05 e 07b

Ao redor da casa 3 e do montículo foram, inicialmente, abertas 30 *janelas* de 1 x 1 m, distribuídas regularmente, em distâncias de aproximadamente 5 metros (Figura 05). Todas, com exceção de duas (AB1 e AB2), produziram algum lítico e geralmente também cerâmica (tabela 03).

As *janelas* C1 e C2 (Figura 07b) produziram muita cerâmica e muito lítico, razão por que a elas foram agregadas mais 21 (Figura 07b), todas com muito material, somando o conjunto das letras C 2.494 fragmentos cerâmicos e 932 restos líticos (tabelas 04 e 05). Como mostram as quadrículas limítrofes, estes 23 m²

ainda não cobrem toda a extensão em que o material é denso. As *janelas* vizinhas, nas quais os restos já são poucos (C1e, C3, CD1 e CD2), mostram, entretanto, que o espaço mencionado é restrito e limitado e representa uma área de intensa atividade, certamente coberta, mas com o piso não rebaixado.

Não se trata de uma lixeira porque há restos de fogueiras e o material oferece uma distribuição regular e não cumulativa.

Os tipos de material lítico e cerâmico, e sua intensidade, são semelhantes aos da casa 3, da qual dista 7 m e da qual, certamente, é uma área externa, separada e complementar. A data da quadrícula C2002A é de 830 ± 64 anos A.P. (LVD-623), semelhante às datas da casa 3.

O conjunto formado pela casa 3 e as *janelas* da letra C representa algo excepcional que não se repete nas outras estruturas do sítio, nas quais o material é sempre muito menos numeroso.

As outras *janelas* mostraram muito menos material. Algumas deram mais restos, como H (27 fragmentos cerâmicos) e DA1 (25 fragmentos cerâmicos), mas estes podem ter vindo, em cada caso, de um único recipiente, quebrado no local. Nenhuma estrutura específica é sugerida pela distribuição do material nessas outras *janelas* da área.

Casa 2

Figuras 16a, 16b e Figuras 17a, 17b

Esta casa também está dentro da mata original. Existem árvores grandes na sua borda nordeste, a maior, caída desde anos por cima da casa. Dentro só árvores pequenas.

De borda a borda a casa mede 10,50 m. A profundidade, antes da escavação, era de 2,33 m; as camadas arqueológicas, no centro, medem aproximadamente 1,00 m. Foi escavada na rocha em decomposição, que é desagregada, cascalhenta e facilmente desmorona. As paredes são bastante empinadas na borda N, W e S, um pouco menos na E, que seria a entrada. Ao contrário das outras, não apresenta aterro perceptível nesta borda mais baixa. A terra retirada serviu para levantar uma das bordas da casa 1.

Distância da casa 1 = 6 m, do montículo = 33 m, da casa 4 = 50 m.

Quando começamos o trabalho, a casa estava intacta e só apresentava tocas de animais junto às raízes das árvores grandes da borda N. Foi trabalhada em 2000 e 2002.

Em 2000, depois de limpa das folhas que cobriam a superfície, foram feitas duas trincheiras da borda para o centro: a trincheira A da estaca topográfica à borda leste, a trincheira B, depois da estaca topográfica em direção sul.

A trincheira A foi dividida em dois cortes: o corte 1, de 1 x 2 m, partindo do centro e abrangendo quase toda a parte mais rebaixada; o corte 2, pegando o resto do piso rebaixado, a parede empinada e a parte menos inclinada junto à borda.

Quase desde a superfície apareceram pequenas fogueiras; a mais evidente foi encontrada no nível 3 e se compunha de um conjunto de carvão entre duas pedras. O carvão, em grãos ou barras, foi bastante comum a partir dos 30-40 cm; o material se tornou mais abundante a partir de 50-60 cm. No nível 7, na parte central da casa, apareceram blocos de pedra ligados à fixação do esteio central, e cerâmica, inclusive um recipiente completo, infletido, com 31 cm de profundidade e 21 cm de boca, que fora abandonado sobre o piso e tinha quebrado com o peso das camadas e posterior pisoteio (Figura 17a).

O corte 2, continuação do 1, mostrou que a parede, depois de um pequeno patamar inclinado junto à borda, caía bastante abruptamente, razão por que foi-lhe acrescentada uma rampa de argila que diminuía a declividade e facilitava o acesso de dentro para fora e de fora para dentro da casa. Além do material encontrado sobre o piso, apareceu algum contra a parede, no lugar da rampa.

Depois da trincheira A foi aberta uma trincheira transversal (B), em direção aproximada sul, com o fim de perceber melhor os blocos de pedra do esteio central. Ela vai contra uma parede mais empinada, cascalhenta, na qual é difícil distinguir a parede por causa do cascalho solto. É possível que, já ao tempo dos indígenas, a parede fosse pouco estável e desmoronasse aos poucos, restringindo o espaço habitável do piso, que não tem mais que 3 m de diâmetro.

No meio do cascalho de basalto da trincheira apareceram grandes blocos arredondados, colocados como armações de fogão ou com outras finalidades. Novamente fogueirinhas contra a parede, mas muito pouca cerâmica. A trincheira, na sua parte central, foi aprofundada até 1,10 m.

No perfil desses cortes percebe-se uma fina camada húmica recente (3 a 5 cm), seguida por uma intrusão cascalhenta do desmoronamento da parede e material removido por animais; depois uma espessa camada marrom-escuro com carvão, restos líticos e cerâmicos, mais abundantes junto à base, onde também é mais abundante o pedregulho de basalto.

Em 2002 foram feitos dois cortes de 1 x 1 m. O primeiro, paralelo à parte central da trincheira B, encontra, na base, o resto dos blocos do esteio central, da escavação anterior. Em todos os níveis existe carvão, mas pouco material, com exceção do nível 9, que tem algum lítico e do 10, que tem os blocos e algumas pedras.

O segundo corte, contíguo, em direção oeste, no nível de 20-40 cm mostra uma pequena fogueira, armada com duas grandes pedras, contendo algum carvão, nós-de-pinho preservados, um talhador e uma lasca (Figura 17b). Nos demais níveis pouquíssimo material.

O perfil desses cortes mostra, outra vez, as mesmas camadas: um pequeno nível de húmus recente; uma camada com mais cascalho, de entulho; uma camada mais escura com algum material (pequenas fogueiras organizadas em sua superfície); a base cascalhenta.

O material encontrava-se muito concentrado na parte central da casa, onde foram achados a vasilha inteira e os blocos de pedra, conforme desenho (Figura 17a).

A data de C^{14}, a partir de carvão que saiu de cima do piso, é de 520 ± 60 AP (cal. 1305-1460 AD) (Beta-144245). A data que vem de 30-40 cm do corte I/2000 (30 ± 50 A.P.) (Beta-144246), calibrada seria do século XIX, corresponde a pequena fogueira de uma reocupação.

Ao todo foram recuperadas, nas trincheiras A e B, 119 peças líticas, assim classificadas: 40 lascas, 17 núcleos, 2 fragmentos, 16 bipolares, 25 pedras-de-fogão, 5 talhadores, 7 raspadores, 4 prismas com modificações, 3 lascas com modificações; nos cortes de 2002 foram recuperadas mais 14 peças (2 lascas, 3 núcleos, 7 bipolares, 1 talhador e 1 raspador). Ao todo foram recuperados 24 fragmentos cerâmicos, dos quais 2 Simples, 2 Ponteados, 19 Ungulados, 1 com impressão de corda, mais um recipiente completo.

A casa comporta-se de maneira semelhante como as outras grandes, que têm maior abundância de material sobre o piso, seguido por uma camada de ocupação com menos restos e por reocupações recentes, aparentemente esporádicas e pouco duradouras.

Esta é a casa de paredes mais empinadas e também a de maiores desmoronamentos laterais, que se poderiam tornar um empecilho para uma ocupação regular. O encontro de uma vasilha inteira pode ser indício dessa precariedade.

Como as outras, deveria ter uma estrutura aérea, sustentada por um forte esteio central, de que há bom testemunho.

Como nas outras, grande parte das atividades deveria realizar-se do lado de fora, como mostram as *janelas* abertas ao redor.

Como a terra produzida na escavação de seu piso foi usada para levantar a borda da casa 1, que dista apenas 6 m, podemos perguntar se as duas estruturas não seriam complementares.

Casa 1

Figuras 18 e 19

Esta casa está dentro do mato. Tinha em três lados da borda algumas árvores grandes, mas dentro apenas arvoretas e arbustos. Em outro tempo deve ter havido, no centro, uma grande árvore, que deixou um buraco com bastante húmus.

Distância da casa 2 = 6 metros, da casa 10 = 35 m, da casa 4 = 57 m, do montículo grande = 48 m.

Em 2000 a estrutura fora percebida como uma casa pequena e funda com grande aterro nas bordas (Schmitz, 2002). Trabalhada, em 2002, mostrou-se grande e diferente. Diâmetro aproximado: 12 m, profundidade antes da escavação 1,70 m, espessura das camadas no centro 1,10 cm.

Em 2002 foi aberta uma trincheira, dividida em seis cortes de 1 x 2 m, que cobriu desde o alto da borda até a meia-encosta do outro lado, numa distância de 12 m, e orientação oeste-leste, na seguinte ordem: corte IV, III, II, I, V, VI; cortes I e V correspondem à parte mais funda do centro da casa, corte IV está sobre a borda.

O perfil da trincheira mostra uma fina camada húmica, com algum material, que pode indicar uma passagem recente; uma camada subsuperficial com saibro, sem material (rolada do aterro da borda direita, ou colocada intencionalmente antes de reocupação?); uma camada escura com abundante material; o solo original de saibro solto e cascalhento.

O material lítico e cerâmico, de forma geral, foi encontrado sobre o piso, bastante inclinado e menos nas camadas que, por acumulação, se foram horizontalizando; mais no centro da casa, onde a camada de ocupação é espessa. Ali há bastantes pedras, artefatos líticos, cerâmica e carvão.

Certamente algumas das pedras maiores teriam servido para firmar o esteio que sustentaria a estrutura aérea, a qual deveria ter perto de 20 m de diâmetro; outras serviriam para estruturar fogões; muitas são artefatos e resíduos, que se foram acumulando através do tempo. Na figura percebe-se bem a distribuição do material no espaço da trincheira, que resultou da abertura dos seis cortes.

A parte central, medida a partir do degrau existente nas paredes de ambos os lados, tem aproximadamente 6 m de diâmetro.

Na parte superior da camada de ocupação, no corte V e parcialmente no VI, o carvão é abundante, em grânulos e fragmentos grandes, que poderiam corresponder ao incêndio da casa no final dessa ocupação ou depois dela.

A data proveniente do piso da casa é de 348 ± 30 anos A.P. (LVD-621).

A casa foi escavada em saibro desagregado, num terreno um pouco inclinado, de modo que a borda nordeste ficava mais baixa que a do sudoeste. A terra retirada foi usada, em sua maior parte, para criar um verdadeiro montículo, alto e largo, junto à borda leste, com a intenção de nivelar a mesma com a borda oposta; em parte foi usada para levantar um anel com canaleta junto à borda oeste e norte, mais alta, para impedir que a água das chuvas, escorrendo ao longo da encosta, invadisse a casa; ainda sobrou terra para criar, a 7 m de distância, na direção oeste, um pequeno montículo de 4 m de diâmetro e 0,42 m de altura.

A parte da borda, que faltava nivelar, ao sul, foi levantada com a terra saibrosa retirada da vizinha casa 2.

Estes aterros são altos e largos na borda leste e sudeste e, mesmo assim, falta quase um metro para tornar esta borda da mesma altura que a do sudoeste. Estes aterros não apresentam uma superfície perfeitamente nivelada, especialmente no lado nordeste, havendo pequenos calombos, como se alguém tivesse mexido nessa terra posteriormente, o que poderia ter criado a camada subsuperficial de saibro, que cobre os sedimentos do período mais intenso de ocupação.

Ao todo foram recuperadas 212 peças líticas, 65 no corte I, 24 no corte II, 10 no corte III, 51 no corte IV, 62 no corte V, 7 no corte VI, sendo 20 lascas, 18 núcleos, 13 fragmentos, 96 bipolares, 4 percutores, 36 pedras-de-fogão, 7 seixos, 8 talhadores, 6 raspadores, 3 prismas com marcas, 1 lasca com marcas. Foram recuperados 39 fragmentos cerâmicos, assim classificados: 28 Simples, 4 Pinçados, 7 Ungulados, que representam poucas vasilhas.

A casa 1 exigiu um grande investimento de trabalho, que seria impensável para uma família nuclear; não se trata apenas de fazer a escavação da própria

estrutura e o manejo dessa terra, mas também a escavação da casa 2 para aproveitar a terra no nivelamento da borda. Grande esforço exigiria também a estrutura aérea para cobrir uma superfície tão grande.

As *janelas* das casas 1 e 2

Figuras 06, 22 e 23 e tabelas 06 e 07

Como nas outras, as casas comportariam só parte das atividades e da vida dos moradores. As 36 *janelas* abertas ao redor das casas 1 e 2, em distâncias regulares, mostram a dispersão geral do material. Só quatro não proporcionaram restos. Algumas testemunham locais específicos de atividades de lascamento e cozimento (4, 6, 7, 10), que expandimos correspondentemente para visualizar melhor a estrutura que deixavam entrever.

Janela 4 mostrou um local de atividade com 58 líticos e 109 fragmentos cerâmicos recuperados em 4 m²; a maior parte dos fragmentos cerâmicos vêm de só dois recipientes. Janela 6 deu um lugar de retalhamento com 279 peças líticas e 2 fragmentos cerâmicos em 3 m². (Figura 23) Janela 7 deu um acúmulo de pedras e material lascado, num total de 242 peças, em 1,5 m². Janela 10, um lugar de fogueira estruturada entre duas pedras grandes, com 10 líticos e 1 fragmento de cerâmica, em 1,5 m². (Figura 22) Há outras *janelas* com uma certa quantidade de lítico e muitas têm um pouco de cerâmica (tabelas 06 e 07). A dispersão do material é semelhante àquela observada no conjunto formado pela casa 3 com o montículo, mas nenhuma indica uma estrutura grande e densa igual à das *janelas* C.

Com certeza a casa 1 era a moradia de um grupo maior, de uma família extensa, de uma sub-tribo. Ela poderia funcionar em conjunção com a casa 1, muito próxima e provavelmente contemporânea, cuja terra foi usada para levantar uma de suas bordas.

Casa 4

Figuras 20a, 20b e 20c

No mato, com uma árvore bastante grande no centro e outra mais perto da borda, mais algumas arvoretas. Estava perfeitamente conservada e dentro havia folhas caídas, como em todas as demais.

Diâmetro da casa: 4 m, profundidade mais ou menos 30 cm, espessura das camadas no centro 60 cm. No lado mais baixo do declive havia pequeno aterro para nivelar a borda, mas que, mesmo assim, não alcançou a altura do lado oposto; nele foi gasta a terra retirada na construção. A depressão e o aterro eram tão pouco aparentes que passamos pela casa muitas vezes sem nos darmos conta de sua existência.

Distância da casa 1 = 43 m, da casa 2 = 50 m, da casa 3 = 60 m, do montículo grande = 57 m, da casa 5 = 16 m, da casa 5a = 25 m.

No ano de 2002 foram abertos dois cortes de 1 x 2 m, formando uma trincheira que cobria o centro e a borda nos dois lados, estando o corte I a sudoeste, o corte II a nordeste. A metade contígua de cada um dos cortes cobria o centro rebaixado, correspondendo a outra metade à aba, menos rebaixada; a parede que ligava uma e outra tinha uma inclinação bastante acentuada, mas não chegava a ser vertical. O pequeno centro da depressão, que seria o piso rebaixado da casa, estava atravancado por um aglomerado de pedras, que para ali tinham sido transportadas e tinham como função aparente segurar o esteio central de uma estrutura aérea, que provavelmente cobria bastante mais que a depressão. Entre as pedras se via claramente um vazio, no qual encaixaria o tronco. O espaço do piso rebaixado, já de si muito pequeno e inclinado, não alcançando 2 m de diâmetro, com o aglomerado de pedras se tornava ainda menos aproveitável. Mesmo assim, ao redor e junto às pedras foram recuperadas 62 peças líticas (4 lascas, 8 núcleos, 5 fragmentos, 30 bipolares, 1 percutor, 6 pedras-de-fogão, 4 seixos, 3 raspadores, 1 lasca com marcas) e 8 fragmentos cerâmicos, dos quais 3 Simples e 5 Pinçados.

A lente de argila da camada 3, interposta entre as camadas 2 e 4 poderia estar representando a tentativa de nivelar o espaço, por cima das pedras, para torná-lo menos apertado e mais útil. Se não fosse pelo material, poder-se-ia pensar que o rebaixamento teria sido feito especificamente para firmar o esteio.

A casa fora escavada em terreno com suave declive, em substrato argiloso, vermelho, compacto, proveniente da decomposição do basalto.

As camadas, dentro dela, apresentavam-se da seguinte maneira: 1 – sedimentos escuros, húmicos, com restos orgânicos, sem material arqueológico, 2 – sedimentos areno-argilosos, marrom-escuro, medianamente compactos, com restos de ocupação, 3 – sedimentos argilosos avermelhados, compactos em forma de lente ou intrusão, estéril, 4 – camada escura com material arqueológico, 5 – sedimentos argilosos, vermelhos, compactos do substrato. O material aparece nas camadas 2 e 4. A data sobre o piso é de 166 ± 15 A.P. (LVD-620)

Como o interior da casa denota pouco uso, assim também o exterior, nas *janelas* que foram abertas ao redor. A janela 1 proporcionou um fragmento cerâmico (Simples) e um botão de cerâmica (2 cm de diâmetro por 0,9 cm de espessura, com dois furos, Figura 35 n.10); a janela 2 deu 2 líticos; a 3 descobriu um lugar de lascamento com 61 elementos líticos e 1 fragmento de cerâmica; a janela 4 deu 4 elementos líticos e um fragmento de cerâmica (Simples); a janela 5 deu 3 elementos líticos.

O botão sugere que a casa é recente, posterior à chegada dos fazendeiros nos campos do planalto e confirma a data do século XIX para a casa.

Casa 5

Figuras 21a, 21b, 21c

Na borda do mato, com pequenas árvores e muitas arvoretas no seu interior, mas não no centro. Folhas caídas como nas outras.

Diâmetro: 5 m, profundidade = mais ou menos 40 cm, espessura das camadas = 60 cm no centro, com o buraco do esteio = 80 cm.

Distância da casa 4 = 16 m, da casa 5a = 9 m. As outras medidas ver na casa 4.

Foi escavada em terreno levemente inclinado e o lado mais baixo recebeu um pequeno aterro, que não chegou a nivelar toda a borda.

Em 2002 foram feitos dois cortes, o corte I, a partir do centro em direção sudeste, medindo 1 x 2 m, prolongado depois por mais 70 cm (corte II) para abranger até em cima da borda. O corte I na realidade passou um pouco do centro, como se pode ver no perfil.

Com isto se percebe claramente a forma do piso/parede: de baixo para cima, uma depressão circular de uns 30 cm de diâmetro, bem definida na argila vermelha e parcialmente cercada por pedras, marca o lugar do esteio central; depois vem uma área em ascensão, que seria o piso; segue um degrau inclinado que dá para uma aba quase plana, que termina na borda.

O material aparece em vários níveis, mas se adensa na parte central, do piso até o degrau, com muito lítico, bastante cerâmica, massa preparada e carvão.

No centro da casa, na superfície, antes de abrir o corte, foram recolhidas várias pedras arredondadas, sugerindo uma ocupação recente. Também ao redor da casa aflorava material lítico em qualquer perturbação do terreno.

As camadas: uma camada fina de sedimentos humosos, seguida por uma camada de sedimentos areno-argilosos, marrom-escuro, que continuavam até dentro do buraco de esteio; a base argilosa, vermelha, do substrato original.

Na extremidade, perto do centro da casa, há uma intrusão lenticular de argila vermelha, solta, que provavelmente foi produzida por um animal fossador.

O material, tomando em consideração o pequeno tamanho da casa, é bem abundante: 139 líticos (5 lascas, 4 núcleos, 15 fragmentos de lascamento, 90 bipolares, 3 percutores, 15 pedras-de-fogão, 4 seixos, 2 talhadores, 1 raspador) e 25 fragmentos cerâmicos assim distribuídos: 5 Simples, 3 Pinçados, 2 Ponteados, 13 Ungulados, 1 com Impressão de Cestaria e 1 massa preparada.

A estrutura aérea, para cobrir toda a depressão até além de sua borda, deveria ter de 6 a 8 m de diâmetro.

As *janelas*, ao redor da casa, ainda insuficientes para revelar todas as atividades externas, produziram resultados significativos. A janela 1 deu 1 fragmento cerâmico Simples e 1 massa preparada, mais 14 líticos. A janela 2 apresentou 1 fragmento Simples, 1 Brunido, 6 Ponteados, 4 Ungulados, mais 17 líticos. A janela 3 deu um lugar de lascamento e suportes de pequenos esteios, num total de 198 líticos. (Figura 23) O material lítico das *janelas* está assim distribuído: 10 lascas, 3 núcleos, 21 fragmentos, 190 bipolares, 1 percutor, 1 pedra-de-fogão, 2 seixos, 1 talhador.

A janela 2 proporcionou uma data de 386 ± 31 anos A.P. (LVD-627), que é semelhante à da casa 1 e que pode ser aceita como data aproximada da casa.

Casa 6

Figuras 24a, 24b

Está num campo de pastagem, que antigamente foi mato, depois roça, mas sem perturbar muito as estruturas profundas. Estava entulhada, quase invisível e cheia de tocos brotados de pequenas árvores e arbustos, cortados para liberar a grama para o gado.

Diâmetro visível uns 5 m, profundidade 20-30 cm, espessura das camadas 1,40 m.

É uma das casas dispersas da encosta que vai em direção ao pequeno córrego, onde se encontra a casa 7. Distância da casa 5 = 125 m, da casa 8 = 130 m, da casa 7 = 220 m. Na proximidade há cocurutos com afloramentos basálticos e também aparecem artefatos líticos espalhados.

A casa foi construída como as outras, que estão em terreno com uma declividade maior. Primeiro se criou uma superfície aplanada no declive, com uns 8 m de diâmetro, retirando a terra do lado mais alto e depositando-a no lado mais baixo; dentro deste espaço, aproximadamente circular, criou-se, como centro da habitação, uma depressão semi-esférica, bastante menor (3,50 m de diâmetro e 1,40 m de profundidade), ficando o todo como um chapéu invertido, com aba e copa.

Em 1999 a casa foi localizada e sua superfície limpa mas, mas não houve nenhuma outra intervenção.

Em 2000 fizeram-se trincheiras de 1 m de largura que atravessaram a casa em cruz. Os cortes 0, 1, 2, 3 cruzaram a casa em direção noroeste-sudeste (subindo o declive), atingindo bem todo o centro rebaixado (corte II), a parede inclinada e o espaço externo com pouco declive (cortes I e III); o corte 0 e o VII amostraram o espaço fora da depressão. Os cortes IV e VI cruzaram a casa transversalmente, atingindo novamente o centro, a parede inclinada e o espaço nivelado externo. O corte V foi complementar para detalhar melhor a parede inclinada entre uma e outra trincheira e aumentar a visibilidade do piso.

As camadas imitam a inclinação da estrutura da escavação original, que, aos poucos, se foi entulhando e nivelando. A sedimentação mostra que, de cima para baixo, primeiro, temos uma camada húmica, que provavelmente se originou do uso da área para agricultura, podendo os artefatos serem originários da periferia, e não de uma ocupação recente da casa; depois temos uma lente mais escura, marcando um espaço de fogo, que pode ter se originado da queimada, com a abertura das primeiras roças; segue uma camada escura, bastante compacta, com carvão, indicando uma ocupação, quando a depressão original já estava bastante entulhada (até 60 cm de profundidade); depois uma camada areno-argilosa, mais macia e úmida, de cor marrom, na qual se encontram as fogueiras, os materiais líticos e um fragmento de cerâmica grossa e lisa. O carvão, nessa camada, era abundante e saía em grânulos grandes, ora grossos, ora laminares enrugados, lembrando casca de galho de pinheiro, ou com a forma de varetas de ramos de arbustos; havia também dois pinhões carbonizados.

Um núcleo de lascamento de uns 30 cm de diâmetro, que marcava o centro das fogueiras é seu referencial mais importante; ele se assentava sobre um bloco de 25 x 20 x 10 cm e outros menores e se encontrava rodeado de terra queimada e muito carvão granulado; esta era a camada de mais intensa ocupação, quando a casa ainda era relativamente nova. Finalmente, a 140 cm de profundidade, temos uma camada argilosa, compacta, com pouco material, como transição para a base; esta é de argila vermelha, compacta, decomposição do basalto local.

As paredes da casa são bastante empinadas, difíceis de escalar, e o piso central é estreito e um pouco inclinado para o centro.

Ao todo foram recuperados 6 fragmentos cerâmicos (2 Simples, 4 Ponteados) e 228 líticos (31 lascas, 24 núcleos, 8 fragmentos, 24 bipolares, 132 pedras-de-fogão, 3 seixos, 1 talhador, 3 raspadores, 1 prisma trabalhado, 1 polidor). Não foram abertas *janelas* ao redor da casa porque o solo tinha sido perturbado pelas atividades de cultivo.

O carvão recolhido entre 80 e 100 cm de profundidade originou a data de 870 ± 50 A.P. (calibrada 1030 a 1265 d.C., (Beta-144244), semelhante às datas da casa três, o conjunto C e o montículo.

Casa 7

Figura 25a, 25b

Casa pequena no campo, perto do pequeno córrego, em local que, segundo o proprietário, teria sido mato, depois fora roçado e transformado em campo de pastagem.

Dista da casa 6 = 220 m, da casa 8 = 170 m, do córrego = menos de 10 m.

A casa apresenta-se como pequena depressão semi-esférica, de 2,70 m de diâmetro por 0,80 m de profundidade, continuada por um canal ou corredor raso, mais estreito, levemente ascendente, que termina em depressão menor que a primeira. A terra retirada dessas depressões está depositada na borda inferior, onde constitui uma plataforma, que nivela a borda de toda a casa, ao redor de aproximadamente a metade das depressões.

A casa foi descoberta em 1999 porque encostada na borda superior interna da mesma havia um bloco de basalto com uma superfície aplanada levemente abaulada, como um amolador ou mó; não fosse isto, teria passado desapercebida.

Foi limpa uma área de 8,50 m de lado, compreendendo as depressões e a periferia. Foram escavadas as depressões até o substrato natural, depois também a área periférica, até a mesma profundidade, mas sem tocar no aterro feito com a terra removida. Tanto dentro, como fora das depressões o material encontrava-se levemente enterrado.

A casa fora feita num pequeno espaço menos inclinado, ao pé de um declive acentuado, perto do córrego, que nasce de alagados próximos. A leste da casa está uma depressão bastante úmida, por onde deságua um alagado, do

lado oeste um declive pedregoso. O espaço era suficiente somente para a casa, mas estava mais perto de água corrente que as outras.

No fundo da depressão maior, que representava o piso rebaixado da casa, havia uma camada de carvão e madeira não totalmente carbonizada, com uns 10 cm de espessura, delimitada por algumas pedras que tinham sido para ali trazidas. Ao lado da fogueira havia um depósito de alguns nós-de-pinho, bastante conservados, claramente ali deixados como reserva de combustível. Parte do carvão da fogueira também provinha deste tipo de material. Dentro da fogueira foram achadas duas lascas grandes, comprovando sua origem indígena.

No corredor, que ligava a depressão maior à menor, também havia carvão, porém mais espalhado, além de nós-de-pinho dispersos, uma lasca de basalto e dois cacos de vidro verde de um pequeno recipiente, semelhante a um vidro de remédio.

Na depressão menor, no fim do mencionado corredor, havia algum carvão espalhado, ao menos uma lasca legítima e um depósito maior de nós-de-pinho (ao menos 15, de diversos tamanhos), bastante conservados.

Como a depressão maior é muito estreita e a parede bastante empinada, o corredor talvez seria o caminho de acesso e a depressão menor um reservatório de combustível.

Nenhuma cerâmica foi encontrada dentro das depressões, nem nos arredores.

Além das lascas e do bloco com face alisada, que estavam dentro das áreas rebaixadas, existiam do lado de fora da casa diversos artefatos líticos característicos, semelhantes aos encontrados nas outras casas e num lugar (no alto, à esquerda no desenho) se via um espaço de lascamento para o qual também foram carregadas algumas pedras que serviriam de apoio para o lascador. Alguns outros conjuntos de pedras poderiam ter servido para consolidar ou segurar a superestrutura aérea que deveria cobrir as depressões e parte da periferia; o nivelamento da borda sugere isto claramente.

O material de dentro da casa: 1 pedra com superfície alisada, 4 lascas e dois fragmentos de vidro de um mesmo recipiente.

O material da periferia da casa: 11 lascas, 10 núcleos, 15 fragmentos, 15 bipolares, 2 pedras-de-fogão, 7 blocos, 3 raspadores, 3 talhadores, 1 prisma trabalhado. A ausência de cerâmica e de mais pedras-de-fogão, também confirmam a efemeridade da ocupação.

Perto do córrego foi encontrado mais um bonito talhador.

A data de C^{14}, conseguida com carvão da depressão central, é 40 ± 60 anos A.P. (Beta-144243), do século XIX como a da casa 4 e a da camada superior da casa 2.

A pequena casa, apesar de sua pouca duração, foi construída em moldes semelhantes aos das casas de ocupação mais estável, com rebaixamento, aterro e estrutura aérea. Provavelmente está ligada à passagem pela área de um grupo indígena, num tempo em que os campos já são ocupados por fazendeiros e a situação dos índios é pouco estável.

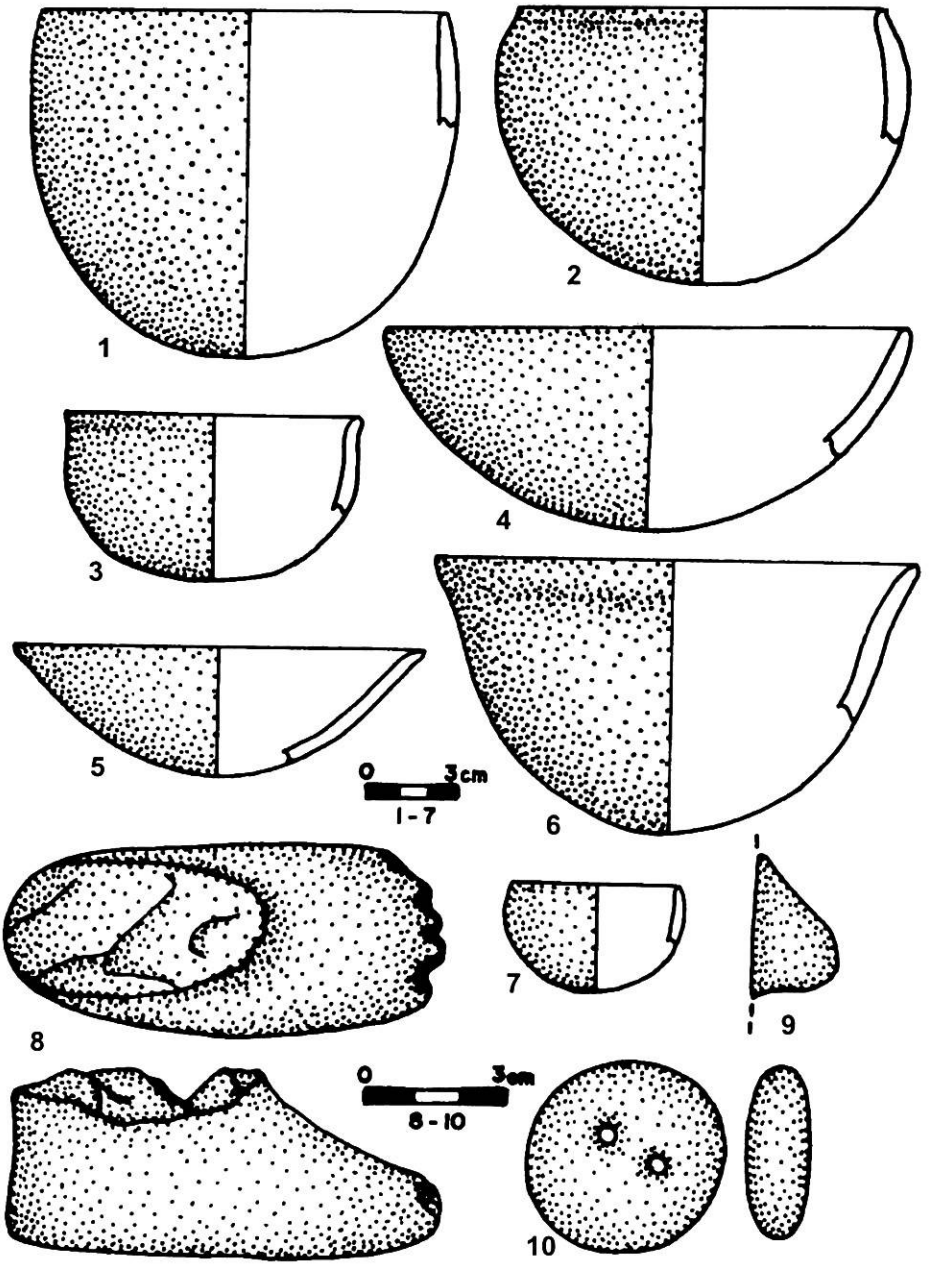

Figura 35: 1-7 formas da cerâmica, conjunto A. 8 pé de boneca. 9 apêndice em forma de seio. 10 botão de cerâmica.

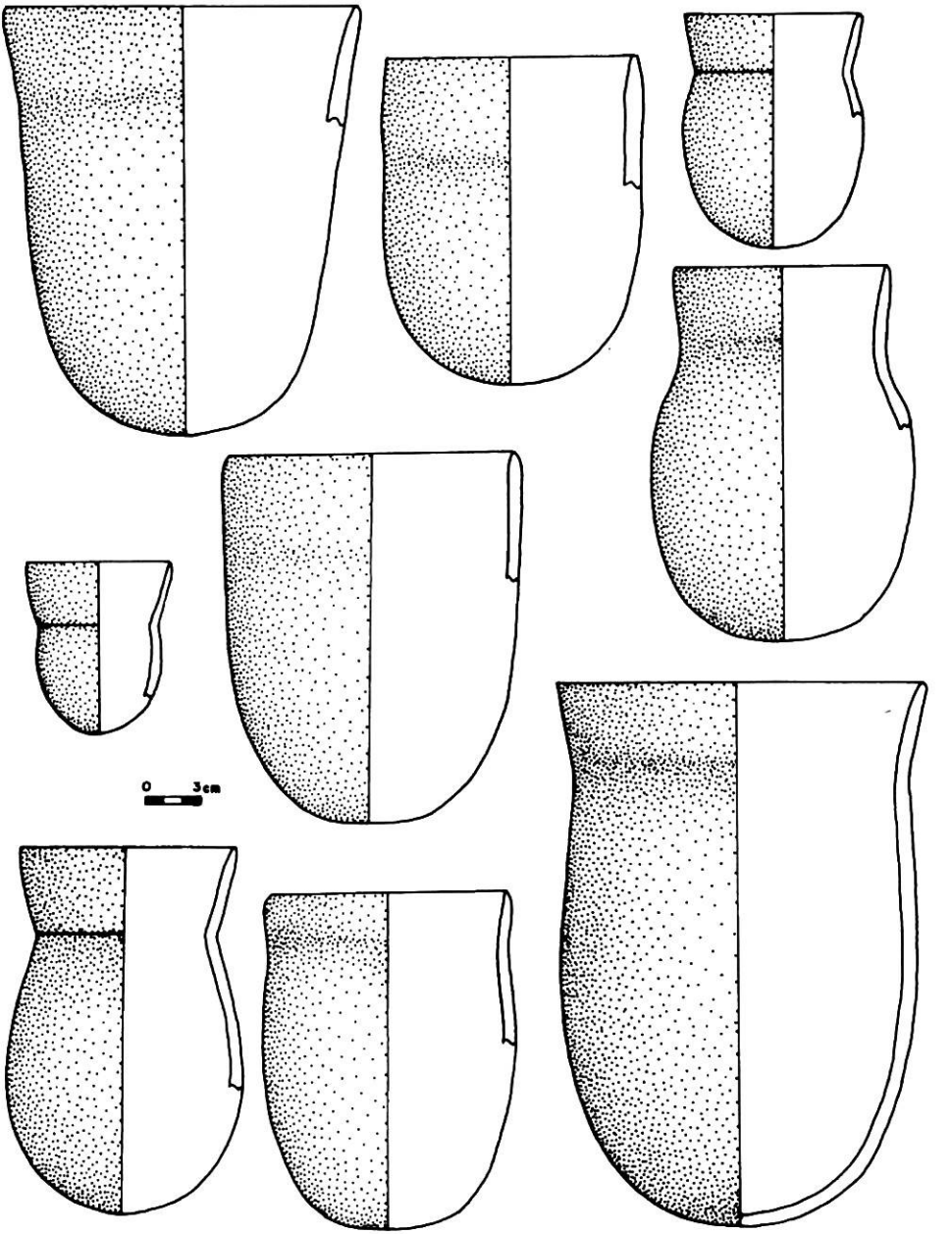

Figura 36: formas da cerâmica, conjunto B.

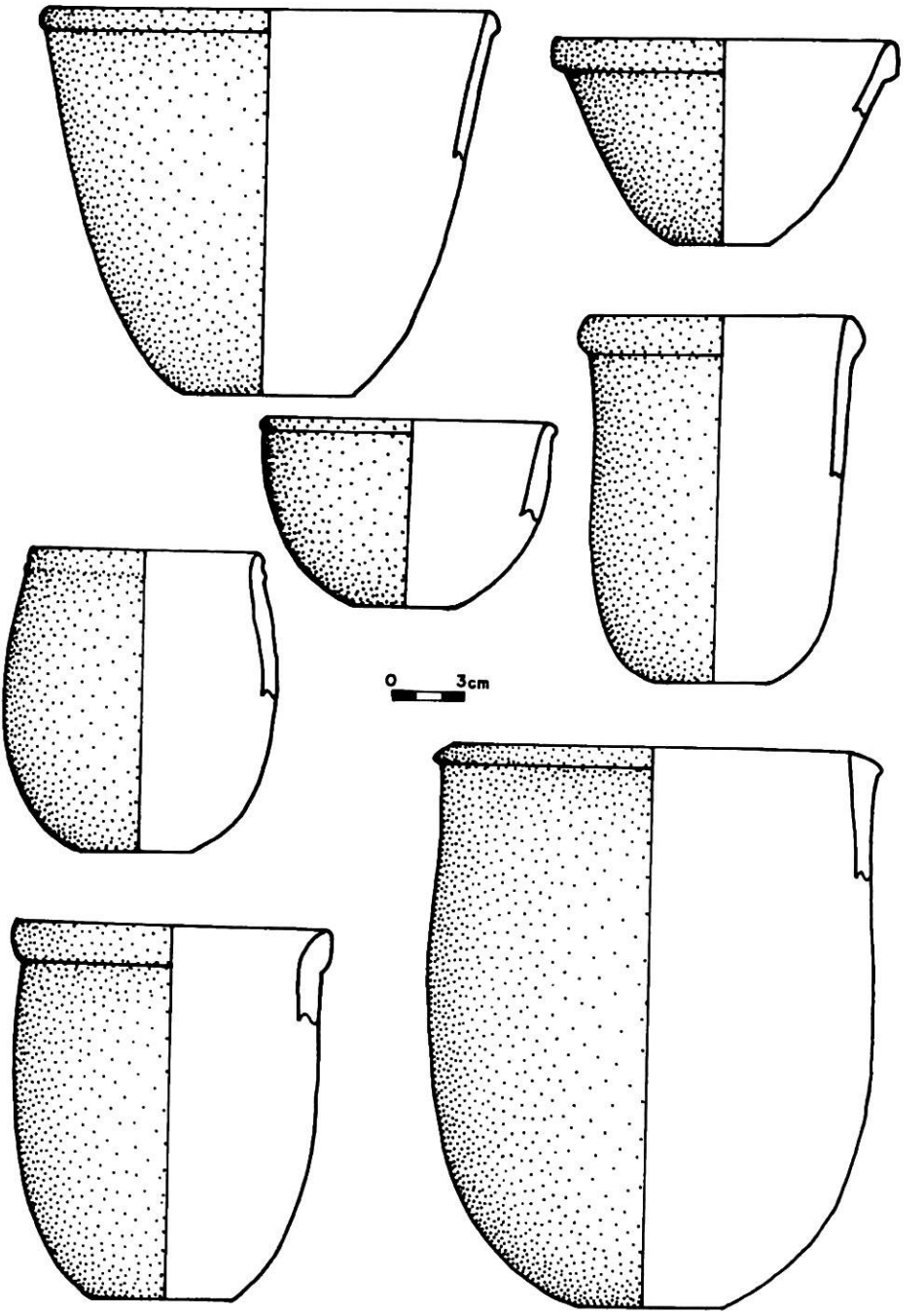

Figura 37: formas da cerâmica, conjunto C.

Figura 38: formas das bordas da cerâmica.

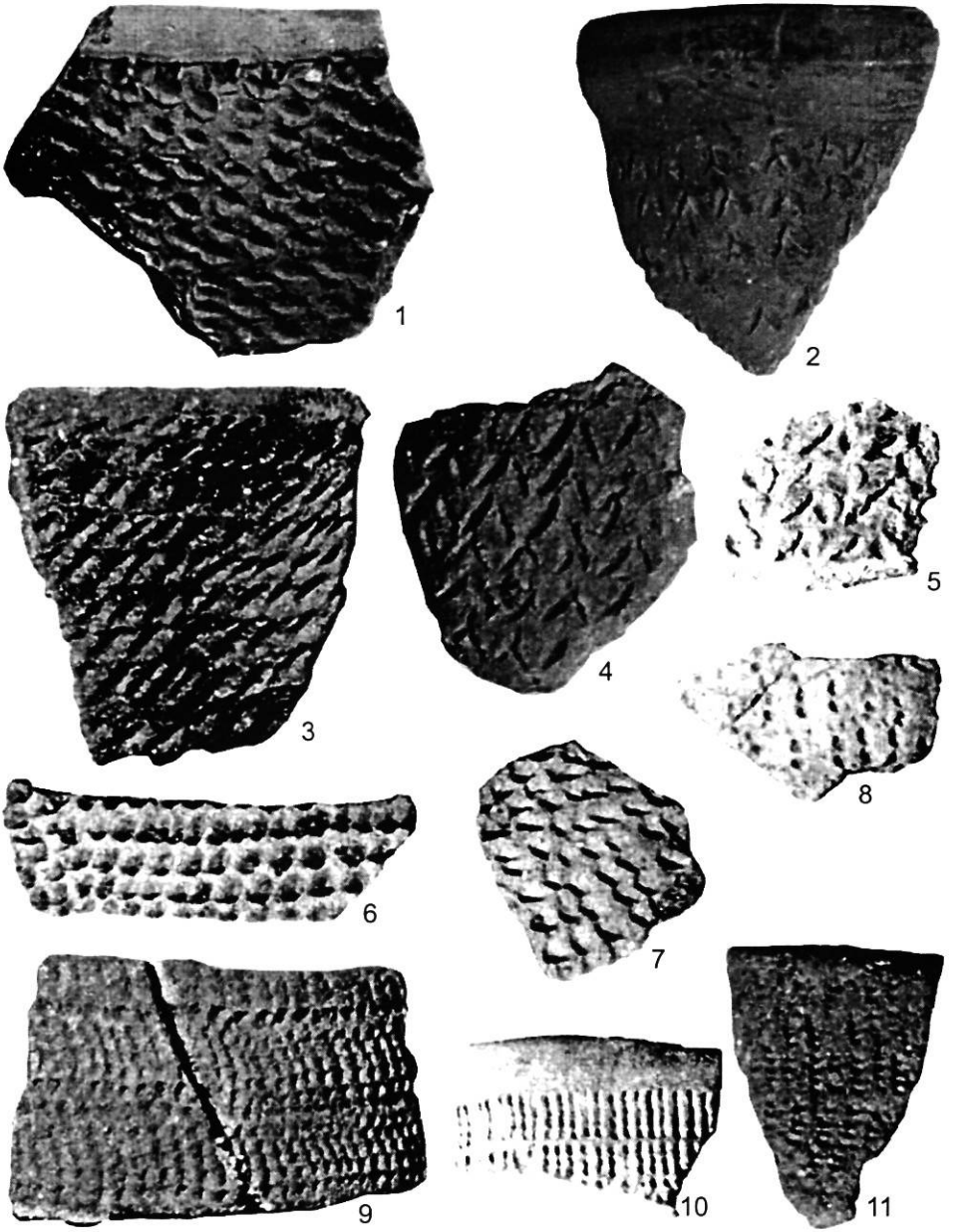

Figura 39: decoração cerâmica de Vacaria: 1, 3, 6 e7 = Ponteado; 2, 4 e 5 = Pinçado; 8, 9, 10 e 11 = Impresso.

	ESTRUTURA	%								TOTAL
		SIMPLES	BRUNIDO	PINÇADO	PONTEADO	UNGULADO	IMPRESSO	VERMELHO	OUTROS	
RS-A-27	casa 03	82,21	9,69	2,26	2,04	2,37	1,18	0,1		928
	janelas C	73,11	12,01	10,27	1,73	1,49	0,2	0,56		2481
	janelas casa 03 e mont.	74,43		19,88	1,7	3,97				176
	casa 01	71,79		10,25		17,94				39
	casa 1/2 janelas	41,28	2,29	4,58	1,37	5,03	44,03	0,45	0,91	218
	casa 02	13,33	panela		13,33	66,66	6,66			15
	casa 04	37,5		62,5						8
	casa 05	20,83		12,5	8,33	16,66		37,5	4,16	24
	casa 4/5 janelas	24,66	6,66		40	26,66				15
	casa 6	33,33			66,66					6
	Montículo	100								6
	casa 9 Sup.	71,79	2,56	7,69		17,94				39
RS-A-29	casa 01	77		16	2	5				100
	casa 02	78,64	3,88	10,67	1,94	4,85				103
	casa 03	63,63		4,54	18,18	13,63				22
	casa 04	72,41		17,24	3,44	6,89				29
	casa 08	93,1	3,44	2,29	x	1,14				87
	casa 13	64		8	16	8			4	25
RS-A-40	superfície	47,82		21,73		30,43				23

Tabela 08: cerâmica por estruturas.

O Material Lítico

Figuras 40 a 43.

O material lítico foi analisado em termos de tipos de matéria-prima, tecnologia lítica utilizada (técnicas de lascamento, polimento, etc.) e categorias de artefatos (instrumentos, lascas, núcleos).

Tipos de matéria-prima

O procedimento inicial da análise envolve a identificação da matéria-prima com que a indústria lítica foi elaborada. A matéria-prima possui uma relação íntima com as técnicas de lascamento e, evidentemente, com sua disponibilidade local. Na área do projeto, a principal fonte de matéria-prima rochosa são as rochas "basaltóides", onde se incluem o basalto e o riolito. Alguns minerais também ocorrem em associação com essas rochas: o quartzo hialino e o grupo dos minerais amorfos de sílica, como a calcedônia. Essa última, em muitos casos, apresenta evidências de aquecimento intencional.

No sítio RS-A-27, a matéria-prima mais utilizada foram as rochas basaltóides; secundariamente, o quartzo hialino e a calcedônia. Essa é uma tendência que se repete nos outros sítios estudados dentro do mesmo projeto.

O basalto apresenta uma variação de granulação mais grosseira a mais fina, sendo que toda essa variação pode ser encontrada localmente, no entorno do sítio. Embora a maior parte da matéria-prima basaltóide seja proveniente de blocos, algumas vezes seixos rolados também foram utilizados, sendo estes encontrados em um pequeno arroio próximo ao sítio. A matéria-prima de melhor qualidade, de granulação mais fina e menos intemperizada, provém especialmente de blocos que são retalhados buscando chegar ao seu núcleo mais preservado.

Uma grande quantidade de blocos foram levados para junto das casas. Nem todos foram utilizados na produção de instrumentos mas sim como pedras-de-fogão, que servem para estruturar a área de fogueira, como trempe para as panelas cerâmicas ou como suporte para firmar o esteio central da cobertura das casas.

Aparentemente, essa matéria-prima é levada para a proximidade das casas sem uma seleção prévia quanto a sua qualidade. Muitos blocos são aí testados, já que muitas são as evidências de debitagem inicial, especialmente no lado de fora das estruturas subterrâneas (muitos núcleos e resíduos de debitagem). A matéria-prima, assim testada, que se mostra com qualidade ruim é simplesmente descartada ou servirá para alguma das funções mencionadas acima. As de melhor qualidade, serão aproveitadas para a produção de instrumentos.

A debitagem inicial parece ter ocorrido, principalmente, no entorno das estruturas subterrâneas, como pode ser mostrado pela maior quantidade de resíduos de debitagem nas sondagens realizadas nas áreas externas ("janelas"), especialmente junto à Casa 01. A tabela abaixo, que apresenta a quantidade de instrumentos e resíduos de lascamento no interior e na área externa imediata à Casa 01, pode ajudar a visualizar essa relação:

	Dentro	**Fora**
Lascas/Frag.	113	888
Núcleos	35	80
Percutores	4	6
Lascas trab.	5	5
Talhadores	7	10
Raspadores	7	5
Prismas	7	6
Inst. Polidos	1	-
Pedras de fogão	32	43
Blocos naturais	23	341
Total	234	1384

Tecnologia lítica

Após a identificação da matéria-prima, foi feita a análise e descrição das formas de manipulação e produção de artefatos, considerando como tais todos os vestígios líticos que mostram terem sido produzidos antropicamente (Sullivan & Rozen, 1985). Foram identificadas duas técnicas de lascamento utilizadas: lascamento por percussão direta e lascamento bipolar (ou apoiado).

No lascamento feito por percussão direta o seixo ou bloco a ser transformado recebe, a partir de um percutor, um golpe em um ponto específico, fazendo com que lascas sejam retiradas. A ação sistemática e repetida da percussão direta é usada para elaborar um instrumento, a partir do seixo ou bloco, ou então retirar lascas que poderão ser posteriormente trabalhadas e utilizadas. Não foram encontradas evidências de retoque ou acabamento por pressão. Os artefatos retocados que ocorrem o foram por percussão.

No lascamento bipolar, o seixo ou bloco de matéria-prima a ser lascado é apoiado em uma superfície inferior dura (que age como "bigorna") e, na parte superior, recebe o golpe de um percutor. Essa técnica é preferencialmente utilizada em matérias-primas muito resistentes.

No sítio RS-A-27, as rochas basálticas foram lascadas tanto por percussão direta como por percussão bipolar. Nas rochas basálticas, a técnica bipolar é usada principalmente para o lascamento ou quebra inicial do bloco ou seixo. Outras matérias-primas, menos abundantes no sítio, tais como quartzo e calcedônia, foram exclusivamente lascadas por percussão bipolar. O retalhamento bipolar em basaltos costuma produzir resíduos de debitagem na forma de lascas grossas e retas, cujo bordo lateral pode ser retocado ou usado diretamente sem retoques. Além dessas lascas, uma grande quantidade de fragmentos são produzidos, sendo que alguns podem ser utilizados. Por outro lado, vários núcleos com evidências de retalhamento bipolar mostram também cicatrizes de lascamento unipolar secundário, indicando que as duas técnicas podem se sobrepor, uma para a debitagem inicial (bipolar) e outra para um eventual desbaste secundário (unipolar). Essa seqüência, logicamente, é mais claramente encontrada na matéria-prima de melhor qualidade.

Uma outra técnica que pode ser identificada é a do polimento. Essa técnica ocorre em menor escala e é usada principalmente na produção de tipos específicos de instrumentos, tais como lâminas-de-machados e mãos-de-pilão. São poucas as evidências de instrumentos com a técnica do polimento, encontradas nos sítios pesquisados. Na maior parte dos casos, são somente fragmentos de blocos ou prismas com uma face que recebeu um polimento ou um alisamento.

Os artefatos

Foram divididos em três categorias básicas: instrumentos, núcleos e resíduos de debitagem.

Como *instrumentos* foram considerados todos os artefatos cujo suporte são blocos, seixos ou lascas e que apresentam aspectos formais mais ou menos definidos, que podem estar associados a uma função à qual sua nomenclatura arqueológica normalmente se refere (p. e. raspador, talhador, biface, furador, percutor etc.). Poucas classes de instrumentos líticos foram identificadas entre o material resgatado e essas poucas classes se repetem nos sítios estudados. Estão separadas em instrumentos brutos, instrumentos lascados e instrumentos polidos.

Instrumentos brutos são os instrumentos com evidências de utilização mas que não apresentam modificação intencional. É o caso dos percutores, unipolares e bipolares, em geral seixos de rocha basáltica com formato globular, elíptico e, em um caso, um seixo alongado quase tabular. Os percutores pesam entre 300 e 500 gramas. Uma única bigorna foi encontrada, utilizada como suporte para a percussão bipolar. Alguns prismas basálticos, especialmente os de forma colunar, tiveram sua aresta mais aguda utilizada, sem retoques secundários mas apresentando forte desgaste.

Os instrumentos lascados mais recorrentes são os talhadores, feitos sobre núcleos ou lascas extra-grandes, que possuem gume unifacial ou bifacial geralmente abrupto, raramente com evidências de encabamento; os raspadores, subdivididos em raspadores plano-convexos, que são instrumentos feitos, geralmente, sobre lascas extra-grandes e espessas ou lascas iniciais do tipo "meia-laranja"; os raspadores laterais ou raspadeiras, produzidos sobre lascas grandes ou extra-grandes, com o gume mais agudo e, geralmente, côncavo, localizado em uma aresta lateral da peça; e o raspador (sensu strito) ou raspador terminal, menos comum no material estudado, produzido sobre fragmentos bipolares com pequeno gume abrupto na parte distal da peça.

Em algumas lascas pode-se perceber um retoque, feito por percussão (não por pressão), formando um gume mais agudo em um dos lados. Em alguns casos, essas áreas retocadas apresentam-se bastante desgastadas pelo uso.

A técnica do polimento não é muito comum no material estudado e, quando ocorre, é produzida sobre prismas basálticos, em uma ou mais faces ou em fragmentos de blocos que acabam ficando facetados; raras são as evidências de mãos-de-pilão, apenas alguns fragmentos. Apenas um fragmento de lâmina-de-machado foi encontrado.

Os *núcleos* representam a parte de um seixo ou bloco que foi descartada após a retirada, por percussão direta ou bipolar, de lascas. Sua principal característica é a presença de cicatrizes nas áreas de onde foram retiradas as lascas. Nos sítios estudados foram identificados muitos núcleos, tanto unipolares como bipolares, em rochas basaltóides. Alguns núcleos de quartzo e calcedônia foram também identificados, sendo estes exclusivamente bipolares.

A debitagem inicial dos blocos e seixos de basalto parece ter sido produzida por retalhamento bipolar. Muitas vezes, no mesmo núcleo se percebe lascamento posterior por percussão direta.

Sob o conceito de *resíduos de debitagem* estamos considerando os *artefatos de pedra lascada que não são nem núcleos nem instrumentos* (Sullivan & Rozen, 1985, p. 755). Neste momento, porém, não realizamos a *análise* da debitagem, no sentido em que os autores acima conferem (*o estudo sistemático* desses resíduos). Os resíduos foram somente classificados como lascas e fragmentos de lascamento. Nas primeiras, as condições foram a presença de características diagnósticas tais como plataforma de percussão ou talão esmagado, superfície interna (com bulbo e linhas de força) e margens intactas. Os fragmentos correspondem a uma categoria ampla de resíduos nos quais tais elementos não são encontrados ou não são muito visíveis; em geral representam lascas quebradas e estilhas.

As *lascas* e os *fragmentos* são produtos da percussão direta e bipolar. As lascas inteiras produzidas pela percussão direta podem ser diagnosticadas, a grosso modo, pela forma em S, pela plataforma de percussão visível e, algumas vezes, preparada e por bulbo e face ventral apresentando linhas de força mais ou menos discerníveis. As lascas e fragmentos bipolares foram diagnosticadas, principalmente, pela presença de talão esmagado e uma forma geral mais tabular ou em curva, com face ventral côncava. Nos sítios estudados, as lascas ou alguns fragmentos de lascamento foram eventualmente utilizados, algumas recebendo retoques para a preparação de um gume. No entanto, a maior parte delas são resultado de um retalhamento inicial feito para testar a qualidade da matéria-prima, tanto por técnica bipolar quanto unipolar.

Embora se possa perceber uma busca por matéria-prima de boa qualidade, a partir do teste dos blocos e seixos de rochas basaltóides, na maior parte das vezes a matéria-prima utilizada é de baixa qualidade o que, por um lado, dificulta um refinamento técnico maior e, por outro, tal fato parece não importar muito, já que os instrumentos podem servir razoavelmente bem para os fins a que se destinam.

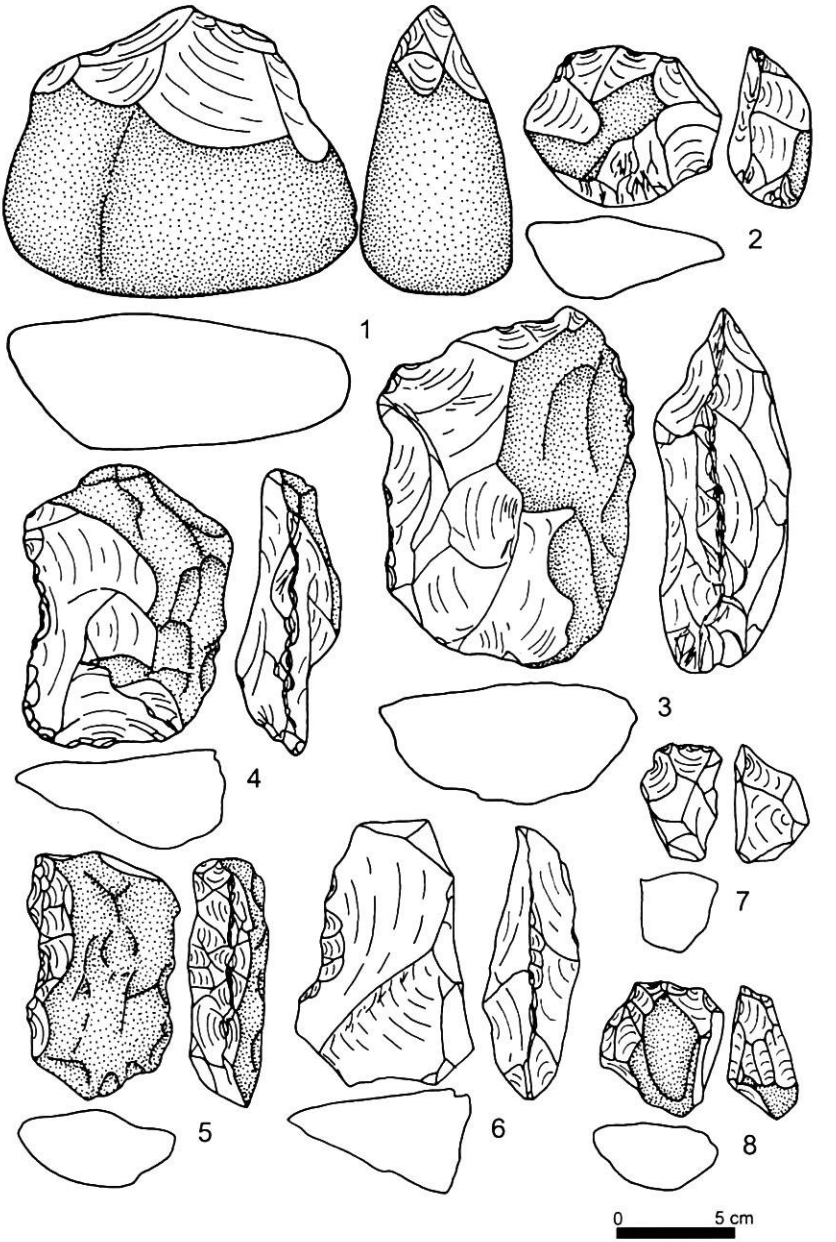

Figura 40: 1, 2, 3 - Talhadores bifaciais (basalto); 4, 5, 6 - Raspadores (basalto); 7, 8 - Raspadores terminais (7 - calcedônia; 8 - basalto).

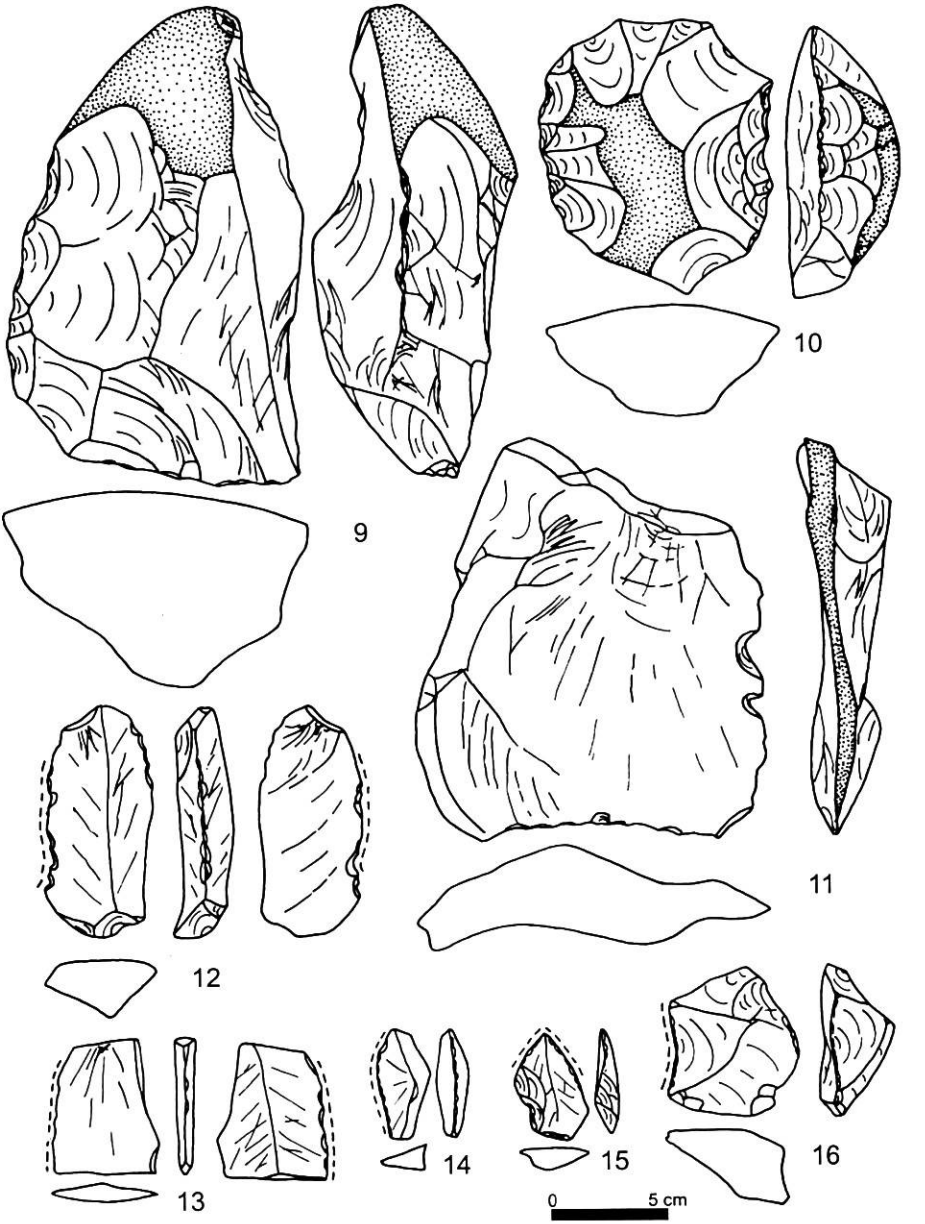

Figura 41: 9 - Talhador bifacial c/ evidências de encabamento (basalto); 10 - Raspador plano-convexo (basalto); 11 - Lasca unipolar extra-grande c/ evidências de encabamento (riolito); 12, 13, 14, 15, 16 - Lascas c/ evidências de uso (basalto).

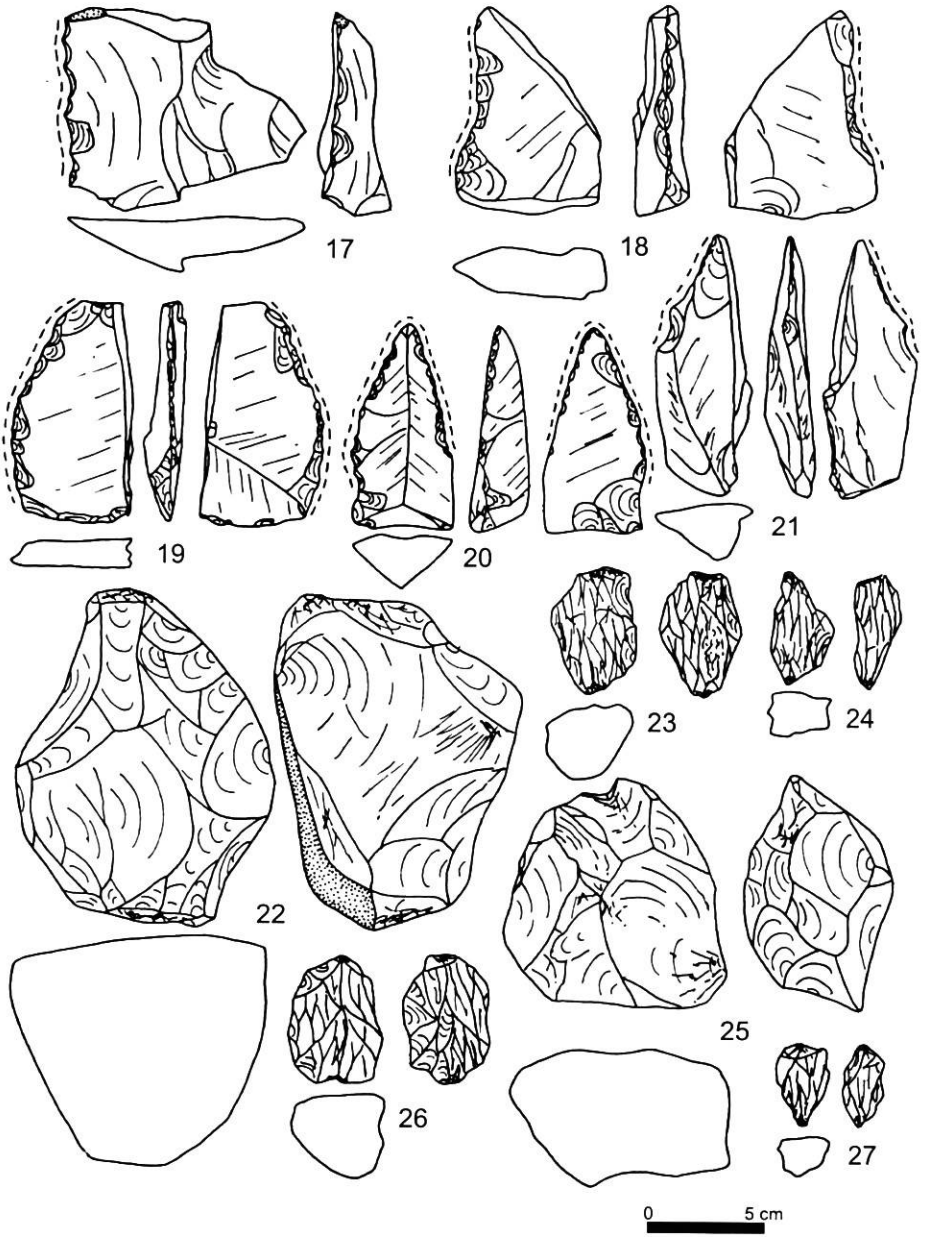

Figura 42:17, 18, 19, 20, 21 - Lascas com retoques ou marcas de uso (basalto); 22, 25 - Núcleos (basalto); 23, 24, 26, 27 - Núcleos bipolares (quartzo hialino)

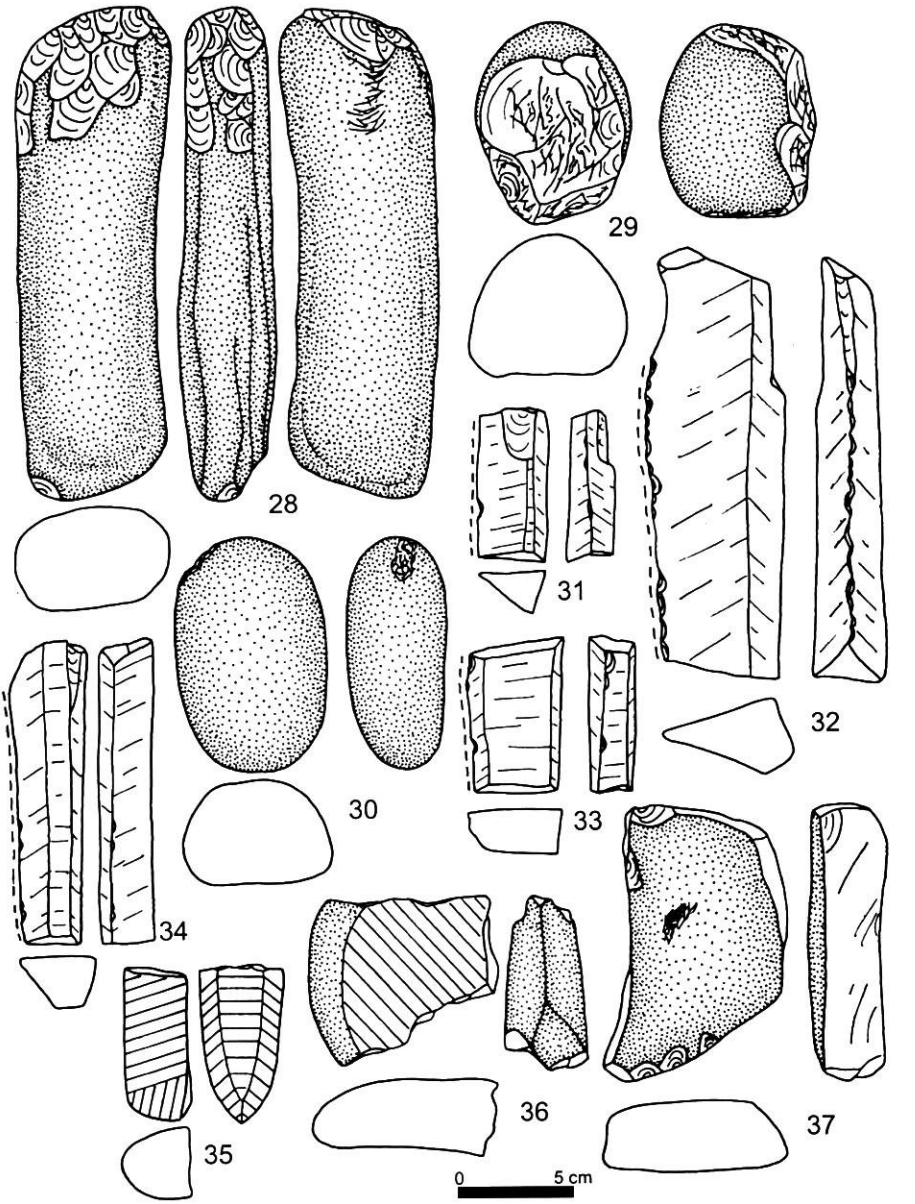

Figura 43: 28, 29, 30 - Percutores (basalto); 31, 32, 33, 34 - Prismas c/ evidências de uso (basalto); 35 - Fragmento distal de lâmina-de-machado polida (basalto); 36 - Fragmento de mó (basalto); 37 - Bigorna (basalto)

Discussão e Conclusões

O projeto busca dados para entender o sistema de assentamento das populações que construíam casas com pisos rebaixados no planalto meridional do Brasil. Como sistema de assentamento entendemos a forma como o grupo se estabeleceu no território, em tempo e espaço.

As primeiras questões, dentro desta abordagem, para as quais conseguimos dados são as casas e estruturas conexas, a formação do sítio e alguma distribuição espacial em território limitado.

Para execução do projeto escolheu-se uma área de 25 km de diâmetro, no município de Vacaria, ao redor de 800 m de altitude, em parte formada por campos altos, em parte por floresta mista com pinheiros, que limita com vales profundamente encaixados cobertos por mata densa. Nela se procedeu a um primeiro levantamento, no qual foram localizados 20 sítios com casas de pisos rebaixados e um abrigo funerário com ao menos 65 indivíduos depositados diretamente na superfície rochosa, sem enterrar (RS-A-28). Os sítios estão localizados nos divisores de águas, em relevo dissecado, em matas mistas em que havia muitos pinheiros. Nos campos ondulados eles são muito raros, aparecendo uns poucos, provavelmente em antigos capões de mato.

Foram feitas intervenções em dois sítios, RS-A-27 com 13 casas, um montículo grande e um pequeno e RS-A-29 com aproximadamente 40 casas e um montículo grande.

Nas casas foram feitos cortes estratigráficos que permitissem ter uma idéia da estrutura de paredes e piso e do perfil do entulho e distribuição do material. No sítio RS-A-27 foram realizados cortes em 8 casas, no sítio RS-A-29 foram feitos cortes semelhantes em 7 casas. No montículo grande do RS-A-27 foi feito um corte de 1 x 2,70 m e um de 1 x 1 m. No montículo do RS-A-29 foi feito um corte de 1 x 1,5 m. Na parte central do sítio RS-A-27, onde se encontram sete casas e os dois montículos, foram realizados mais de cem cortes de 1 x 1 m, distribuídos com certa regularidade no espaço intacto da mata, para detectar os materiais enterrados entre as estruturas construídas.

A remoção da terra foi em níveis de 10 cm, acompanhando o relevo até o piso das casas ou o substrato rochoso dos montículos e dos cortes entre as estruturas.

No RS-A-27 sete casas e o montículo têm datas; no RS-A-29 só duas casas foram datadas até agora; o montículo está datado com relação à casa donde veio a terra para sua construção.

A cerâmica e o lítico foram analisados. Estão depositados no Instituto Anchietano de Pesquisas/UNISINOS.

O material ósseo do abrigo funerário foi estudado e os resultados estão publicados (Rosa, 1999; Krever & Haubert, 2001).

O projeto deverá continuar nos próximos anos, inicialmente nos mesmos sítios, melhorando e testando o modelo produzido; também já foi autorizada a extensão para uma área próxima, igualmente com 25 km de diâmetro.

Com esta pesquisa ficou mais clara a questão das estruturas dos sítios.

As depressões, que hoje se vêem, são ruínas de casas que tinham o piso rebaixado. Teriam uma alta estrutura aérea feita com elementos perecíveis (troncos, varas e palha), que acompanharia a forma aproximadamente circular do piso; ela não deixou vestígios claramente identificáveis, mas no centro de muitas casas se vê o lugar em que estava implantado o esteio que manteria em pé ou seguraria esta superestrutura. Pelos vestígios que deixou o esteio poderia ter ao redor de 15 cm de diâmetro, indicando que a estrutura não deveria pesar muito sobre ele.

Os pisos rebaixados, representados pelas depressões atuais, não têm paredes verticais e pavimentos planos, como construções atuais, mas o piso/parede desce, mais abrupta ou mais suavemente, em direção ao centro, dando à depressão a forma de uma meia-esfera ou de calota de esfera; quando a parede é bastante empinada, um dos lados costuma ter uma descida mais suave para facilitar o acesso; quando a depressão é mais rasa, a parede/piso pode apresentar-se como um chapéu invertido, com uma aba e uma copa.

A parte rebaixada apresenta espessas camadas de ocupação, escurecidas pela presença de cinza e carvão e contendo artefatos cerâmicos, líticos e pedras gretadas pelo fogo. São indicadores de que ali se preparavam alimentos e talvez se desenvolvessem outras atividades. O fogo também serviria para iluminar e aquecer a habitação.

As 14 casas, em que se fizeram escavações significativas, apresentam esses mesmos vestígios, indicando que se trata de moradias, não de depósitos, armadilhas ou templos.

A distribuição dos artefatos líticos e cerâmicos nas camadas arqueológicas, muitas vezes permite individualizar fogueiras específicas e pensar em atividades isoladas. Pelo carvão que sobrou pode-se ter uma idéia da madeira usada e de frutos consumidos. Mas nenhum osso animal ficou conservado, com o que nada se pode dizer de suas presas de caça.

Na maior parte das vezes o material, no centro rebaixado da casa, está de tal maneira aglomerado, sem distinções estratigráficas visíveis, que nos leva a inferir uso continuado do mesmo local, sem remoção dos resíduos de utilizações anteriores. Consideramos este um indicador de que a casa era ocupada com certa intensidade e/ou permanência, sugerindo uma relativa sedentariedade; sedentariedade também poderia ser deduzida do grande investimento que representava cavar a base da casa e levantar sua alta superestrutura.

Se imaginamos que as paredes da casa desciam até o chão para evitar a entrada da água, do frio e dos animais, ela seria escura e pouco ventilada. Serviria de abrigo para os moradores e seus bens materiais. Muitas atividades, talvez a maior parte, seriam desenvolvidas do lado de fora, sob o dossel das árvores e de telheiros construídos para defender da chuva.

As *janelas*, os cortes de 1 x 1 m abertas entre as estruturas, mostram que existem restos cerâmicos e líticos espalhados em toda a extensão. Das mais de cem *janelas* abertas entre as estruturas do centro do RS-A-27, menos de 10% dei-

xaram de apresentar restos. Estes materiais são deposições primárias, não perturbadas após o abandono e se encontram a pequena profundidade, diretamente sobre o basalto decomposto, que formava o solo no momento da deposição. São restos de atividades aparentemente singulares, não cumulativas, na periferia das estruturas, mas sem lugar ou orientação fixos com relação a elas.

Não se encontrou nenhum lugar de deposição de lixo removido, que poderia ser originário da limpeza das moradias. A falta de uma lixeira, onde se acumulariam os restos provenientes da limpeza das casas e de outras áreas de atividade, sugere que, apesar de permanentes, as ocupações sucessivas não seriam muito duradouras.

Só na casa 3 do sítio RS-A-27 e no espaço limitado junto a ela existe grande quantidade de cerâmica e também de lítico, indicando maior tempo e/ou intensidade de ocupação. O espaço externo dessa casa é testemunha de uma cozinha coletiva, coberta mas não rebaixada.

Os outros achados cerâmicos são mais dispersos, sugerindo ampla gama de uso dos vasilhames na preparação e consumo de alimentos também no espaço externo das moradias. Por causa das intensas chuvas da área, as fogueiras, que teriam sido acesas para este fim, deixaram poucos restos; a fogueira que se encontra conservada na base do montículo grande do RS-A-27 é um vestígio importante para se ter uma idéia de como elas seriam. A *janela* número 15, junto à casa 1, também mostra uma fogueira externa, armada com duas pedras, mas não oferece a mesma densidade de informações daquela referida anteriormente.

Mais definidos são lugares de retalhamento de pedra e preparação de artefatos líticos, abundantes do lado de fora das moradias; podem contar parte ou todo o processo de produção de artefatos; a *janela* 4, da casa 5 sugere até que teria estado junto a um pequeno telheiro.

O material lítico que se encontra dentro das casas costuma ser de peças maiores, que poderiam ser usadas diretamente ou com alguma modificação complementar.

A matéria-prima para os artefatos líticos estava disponível no próprio espaço em que se levantavam as casas e aflorava como blocos de basalto de diferentes qualidades, muitas vezes recobertos por crostas espessas que era preciso remover para saber de sua utilidade. Da decomposição do mesmo basalto resultavam, também, drusas de quartzo e calcedônia, que ofereciam outros tipos de matéria-prima. Seixos e blocos mais arredondados, com menos crosta inútil, podiam ser encontrados nos pequenos córregos próximos ou nos rios, a distâncias um pouco maiores. Matéria-prima estranha ao lugar, como arenito silicificado, aparece muito raramente.

O retalhamento dos blocos, seixos, drusas e cristais era mais freqüentemente feito por percussão apoiada; na preparação dos artefatos, entretanto, predominava a percussão direta unipolar. Dessa manipulação da pedra resultou grande quantidade de refugo não padronizado e uma indústria lítica rudimentar, formada por talhadores, raspadores, lascas, fragmentos, núcleos variados, per-

cutores e pedras-de-fogão. Instrumentos polidos, mais bem acabados, como se encontram nas coleções, aparecem pouco nas escavações.

A matéria-prima para a produção da cerâmica estaria disponível nos banhados, que se formaram nas ondulações negativas do terreno. A cerâmica, sempre escassa com exceção de um caso (casa 3 e anexo, do RS-A-27), compõe-se de vasilhame pequeno, simples, utilitário, de uso familiar, produzido localmente, como testemunham as massas preparadas perdidas tanto dentro como fora das habitações. Tamanhos, formas e acabamento não apresentam diferenças visíveis entre as estruturas e os sítios.

Os artefatos líticos e cerâmicos certamente não eram os objetos domésticos mais comuns, mas são os que mais se conservaram. Madeira e outras fibras vegetais, peles e diversos produtos animais deveriam ter grande utilização para a produção de armas, instrumentos e utensílios da vida cotidiana.

A terra retirada com o rebaixamento do piso era usada principalmente para nivelar as bordas mais baixas, para fazer montículos ou eventuais terraços; ela não era simplesmente espalhada ao redor. Quando a terra extraída de uma casa grande formava um montículo definido, a dezenas de metros de distância do lugar onde se originou, é provável que ele tivesse algum significado social ou ritual. Nos dois sítios trabalhados os aterros grandes se originaram de casas grandes do primeiro período de ocupação. Costuma haver um só aterro grande num sítio, dando-se outro destino à terra proveniente das demais escavações.

As estruturas de um mesmo sítio podem distribuir-se em espaços de até 500 m de diâmetro. O conjunto que hoje se vê não surge de um projeto prévio e as diversas estruturas podem ter idades radiocarbônicas diferentes. No RS-A-27, que foi mais trabalhado, percebem-se períodos de ocupação: casas 6, 3, o espaço ao lado da 3 e o montículo formam a primeira ocupação, com datas ao redor de 800 anos A.P.; segue a casa 2 entre 500 e 600 anos A.P.; as casas 1 e 5, ao redor de 400 anos A.P.; as casas 4, 6 e a reocupação da casa 2, no século IX de nossa era. As casas com datações mais recentes têm o piso menos rebaixado e contêm muito menos material, sugerindo que a instalação de fazendas lusas nos campos próximos teria tornado sua vida menos estável e não mais se justificaria tão grande investimento na construção. Tem-se a impressão de que em cada momento existe uma casa grande que abrigaria a maior parte do grupo; como as casas pequenas se relacionam com estas casas grandes ainda não se conhece.

Uma diacronia semelhante foi observada no sítio RS-127, estudado na década de 1970, no município de Caxias do Sul (Schmitz e outros, 1988). Num diâmetro de 500 m foram, então, localizadas 36 casas e 39 pequenos montículos. Quatro casas e três montículos foram escavados. A casa A, com 11 m de diâmetro e 6 m de profundidade, tem uma data, não calibrada, de 1480 ± 70 anos A.P. (SI-603); a casa B, com 5,20 m de diâmetro e 2,10 m de profundidade, tem duas datas: sobre a base 1330 ± 100 anos A.P. (SI-605) e mais perto da superfície 840 ± 60 anos A.P. (SI-606); a casa 9, com 5,62 m de diâmetro e 2,10 m de profundidade, foi datada em 960 ± 60 anos A.P. (Beta-153841). Um montículo, de 6 x 5 m

e 1,32 m de altura, que está junto da casa B, também tem duas datas: 1140 ± 40 (SI-602) perto da base e 630 ± 70 anos A.P. (SI-604) na metade da altura.

Do sítio RS-A-29 só temos duas datas: a casa 1 (e o montículo construído com a terra retirada) foi datada em 680 ± 80 anos A.P. (Beta-153842) e a casa 3 foi datada em 380 ± 60 anos A.P. (153843).

Estruturas podem ser reutilizadas em tempo muito posterior à primeira ocupação.

Isto mostra que os sítios não seriam aldeias, no sentido que hoje damos ao termo e provavelmente não teriam uma ocupação constante, mas os diversos sítios seriam ocupados em rodízio com outros sítios da área; casas novas seriam, então, construídas e antigas reocupadas. A sedentariedade observada seria relativa. O grupo circularia dentro de um território sobre o qual manteria domínio. Esta circulação poderia representar uma adaptação à oscilação anual dos recursos, especialmente ao rendimento diferencial dos pinheiros, mas também poderia estar ligada a estratégias de manutenção do controle sobre o território do grupo. Definir o espaço de circulação, suas razões e estratégias é tarefa para pesquisas futuras.

Um jazigo funerário coletivo, numa fenda rochosa, onde eram depositados os mortos, ajudaria a manter a memória grupal e testemunharia a posse do território por aquele segmento tribal. É importante registrar que nos dois sítios trabalhados ainda não se encontraram vestígios de sepulturas individuais.

As características dos sítios estudados em Vacaria são compartilhadas por áreas vizinhas no nordeste do Rio Grande do Sul e sul de Santa Catarina. Elementos compartilhados são a cerâmica, o lítico, os montículos, os abrigos funerários, atribuídos em publicações à fase Guatambu (Miller, 1971) e Guabiju (Mentz Ribeiro & Ribeiro, 1985), ou sem uma designação específica (Reis, 1980). E parecem diferentes dos sítios da fase Taquara, estudados em Caxias do Sul (Schmitz e outros, 1988).

As datas de Vacaria, dentro da tradição cerâmica Taquara/Itararé, vão do período médio ao recente e são posteriores às datas da formação da fase Taquara, como aparecem no sítio RS-127, antes mencionado.

Para dar um passo adiante na interpretação dos dados podemos recorrer às informações etnográficas disponíveis para o mesmo espaço e o mesmo tempo a que se referem as últimas ocupações do sítio RS-A-27 (Basile Becker, 1976; Laroque, 2000).

Na primeira metade do século XIX morava na área o cacique principal Braga, com seus diversos subcaciques, o mais conhecido dos quais era o cacique colaboracionista Doble. A tribo de Braga contava, então, ao redor de dois mil indivíduos e ocupava um espaço considerável no planalto do nordeste do Rio Grande do Sul. Cada um dos subcaciques tinha um território, com os limites bem definidos e até os pinheiros marcados por incisões, excluindo dele qualquer indivíduo ou grupo não autorizado; a exploração do pinhão por um indivíduo estranho representava sua morte, a intrusão de um grupo era a guerra. Extrapolando os da-

dos podemos levantar a hipótese de que não só a tribo dominava o território coletivo, mas que também cada parcela dominava o espaço que lhe era assinalado pelo cacique principal. A circulação dentro dele seria importante por causa da irregularidade e deslocamento da produção vegetal, acompanhada pelos animais, mas também ajudaria a defender o espaço vital. Os dados das escavações sugerem e poderão comprovar esta circulação.

Os dados etnográficos do século XIX também proporcionam informações sobre a subsistência e a sociedade, que são úteis para melhorar nossa visão sobre o período pré-colonial e colonial. A alimentação ali apresentada baseia-se na coleta e estocagem do pinhão, em alguns cultivos, entre os quais se destaca o milho, e na caça e coleta generalizadas. Tudo isso indica que o Kaingang não era um convicto horticultor, mas que praticava uma economia oportunística, que lhe possibilitava adaptar-se a ambientes diferentes, acentuando ora mais um, ora mais outro elemento de sua subsistência. A recuperação, através da arqueologia, de seus elementos sociais, é mais difícil, mas pode, também, ser tentada.

O rico território dos Kaingáng do planalto do Rio Grande do Sul lindava com a Mata Atlântica, onde se encontravam os caçadores-coletores Xokleng, grupo aparentemente grande e aguerrido da mesma família lingüística, que também deveria ambicionar o pinhão de sua vizinhança, mas que estava além-fronteira. A entrada deles no território Kaingang provocava ferozes combates, registrados até o século XIX.

Se aceitamos que a casa com piso rebaixado pode ter sido uma adaptação a um clima relativamente frio do alto de planalto não podemos esquecer que se faz um investimento desse porte só quando o território contém bens irrenunciáveis, que é preciso defender para manter a segurança do alimento para o ano todo e para toda a população. Quanto mais densa se tornasse a população e maior fosse a competição pelos mesmos recursos, dentro do mesmo grupo e de grupos vizinhos, mais as estratégias deveriam ser elaboradas.

O espaço em que se consolidou a *cultura* das casas com pisos rebaixados, que é coextensiva com a área dos pinheirais e atinge partes altas do Rio Grande do Sul, de Santa Catarina, do Paraná, de São Paulo e de Misiones argentinas, coincide com o núcleo de povoamento Kaingang e nunca foi invadida por outras culturas indígenas.

Fechando o trabalho, como primeira conclusão podemos dizer que as recentes pesquisas mostram um panorama muito mais complexo do que nas últimas décadas estava sendo percebido.

Como segunda conclusão vale a pena lembrar que o atual modelo e suas partes constitutivas são ainda muito hipotéticos, necessitando mais testes nos mesmos sítios e em outros da mesma área, além de novas buscas etno-históricas antes de se poderem fazer generalizações.

Como terceira conclusão vai um alerta para não se transferir este modelo aqui apresentado para todas as áreas do planalto dos pinheirais sem os necessários trabalhos empíricos.

Como última conclusão pode ser colocado que as informações a respeito dos índios Kaingang do século XIX podem ser importantes como sugestões de reflexão e teste do modelo.

Bibliografia citada

ARAUJO, Astolfo Gomes de Mello 2001. *Teoria e método em arqueologia regional: um estudo de caso no alto Paranapanema, Estado de São Paulo*, 2 vol. São Paulo, USP (tese de doutorado).

BECK, Anamaria 1972. *A variação do conteúdo cultural dos sambaquis do litoral de Santa Catarina*. USP, São Paulo (tese de doutorado).

CHMYZ, Igor 1968. Considerações sobre duas novas tradições ceramistas arqueológicas no estado do Paraná. *Pesquisas, Antropologia* 18:115-125. Instituto Anchietano de Pesquisas, São Leopoldo.

_____ 1976. A ocupação do litoral dos estados do Paraná e Santa Catarina por povos ceramistas. *Estudos Brasileiros* 1:7-43. Curitiba.

CHMYZ, Igor coord. 1977. *Segundo relatório das pesquisas realizadas na área de Itaipu (1976/77)*. Convênio Itaipu-IPHAN. Curitiba.

KERN, Arno A. 1985. Interação cultura e meio ambiente em sítios de habitações subterrâneas no planalto sul-rio-grandense (Município de Vacaria, RS). *Boletim do MARSUL* 3:30-33. Taquara.

KREVER, Maria Luísa B. & HAUBERT, Fabiana 2001. Estudo dos remanescentes humanos do Planalto Sul-Riograndense: Projeto Vacaria. XI Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira. *Anais da XI Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira*. Em CD-Rom.

LA SALVIA, 1983. A habitação subterrânea, uma adaptação ecológica. In: WEIMER, Günter (org.): *A arquitetura no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, Mercado Aberto, p. 7-26.

LAROQUE, Luis Fernando da Silva 2000. Lideranças Kaingang no Brasil Meridional (1808-1889). *Pesquisas, Antropologia* 56. São Leopoldo.

LAZZAROTTO, Danilo e outros 1971. Pesquisas arqueológicas no planalto. In: *O homem antigo na América*, p. 79-89. USP, São Paulo.

MAUHS, Julian & BACKES, Albano 2002. Estrutura fitossociológica e regeneração natural de um fragmento de floresta ombrófila mista exposto a perturbações antrópicas. *Pesquisas, Botânica* 52: 89-109. São Leopoldo.

MENGHIN, Osvaldo F. 1956. El poblamiento prehistórico de Misiones. *Anales de Arqueología y Etnología* 12:19-40. Mendoza.

MENTZ RIBEIRO, Pedro Augusto 1991. *Arqueologia do Vale do Rio Pardo, Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, PUCRS (tese de doutorado).

_____ 1999-2000. A tradição Taquara e as casas subterrâneas no sul do Brasil. *Revista de Arqueología Americana*, números 17, 18 y 19. México, Instituto Panamericano de Geografía e Historia.

_____ & RIBEIRO, Catarina Torrano 1985. Levantamentos arqueológicos no município de Esmeralda, Rio Grande do Sul, Brasil. *Revista do CEPA* v. 12(14):49-105. Santa Cruz do Sul.

_____ e outros 1994. Escavações arqueológicas no município de Bom Jesus, RS. *Revista de Arqueologia* 8:221-236.

MILLER, Eurico Th. 1971. Pesquisas arqueológicas efetuadas no Planalto Meridional, Rio Grande do Sul (rios Uruguai, Pelotas e Antas). *Publ. Av. Mus. Pa. Emílio Goeldi* 15:37-70. Belém.

_____ 1974. Pesquisas arqueológicas em abrigos sob rocha no nordeste do Rio Grande do Sul. *Publ. Av. Mus. Pa. Emílio Goeldi* 26:11-24. Belém.

NEVES, Valter A. 1988. Paleogenética dos grupos pré-históricos do litoral sul do Brasil (Paraná e Santa Catarina). *Pesquisas, Antropologia* 43. Instituto Anchietano de Pesquisas, São Leopoldo.

PROUS, André 1979. Première information sur les maisons souterraines de l'État de São Paulo, Brésil. *Revista de Pré-História* 1(1):127-145. USP, São Paulo.

REIS, Maria José 1980. *Problemática arqueológica das estruturas subterrâneas no planalto catarinense*. USP, São Paulo. (dissertação de Mestrado).

REIS, José Alberione dos 1997. *Para uma arqueologia dos buracos de bugre: do sintetizar, do problematizar, do propor*. Porto Alegre, PUCRS (dissertação de mestrado)

ROBRAHN, Érika Marion 1989. *A ocupação pré-colonial do vale do Ribeira de Iguape, SP: os grupos ceramistas do médio curso*. USP, São Paulo. (dissertação de mestrado).

ROGGE, Jairo H., SCHMITZ, Pedro Ignácio, BEBER, Marcus Vinicius & ROSA, André Osorio 1997. Assentamentos pré-coloniais no litoral central do Rio Grande do Sul: Projeto Quintão. IX Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira. *Anais da IX Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira*. Em CD-Rom.

ROHR, João Alfredo 1971. Os sítios arqueológicos do Planalto Catarinense, Brasil. *Pesquisas, Antropologia* 24. Instituto Anchietano de Pesquisas, São Leopoldo.

ROSA, André Osorio 1999. Sepultamentos indígenas no Planalto Meridional do Rio Grande do Sul. Trabalho apresentado na X Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira. *Anais da X Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira*. Em CD-Rom.

SCHMITZ, Pedro Ignácio 1988. As tradições ceramistas do Planalto Sul-Brasileiro. *Arqueologia do Rio Grande do Sul, Brasil. Documentos* 2:75-130. Instituto Anchietano de Pesquisas, São Leopoldo.

_____ 1999-2000. Arqueologia do Planalto Sul-brasileiro. *Revista de Arqueologia Americana*, nº 17, 18, 19:51-74. México, Instituto Panamericano de Geografía e Historia.

_____ 2001. Casas subterrâneas no Planalto Meridional: a origem dos índios Kaingang. *Anais da XI Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira*, em CD-Rom.

_____ 2002. As "casas subterrâneas". Fragmentos da história dos índios Kaingang. *Ciência Hoje*, abril de 2002, p. 22-29.

SCHMITZ, Pedro Ignácio & BASILE BECKER, Itala Irene 1991. Os primitivos engenheiros do planalto e suas estruturas subterrâneas: a tradição Taquara. in: KERN, Arno A.: *Arqueologia pré-histórica do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, Mercado Aberto, p. 251-289.

SCHMITZ, Pedro Ignácio & VERARDI, Ivone 1996. Cabeçudas: Um sítio Itararé no litoral de Santa Catarina. *Pesquisas, Antropologia* 53:125-181. Instituto Anchietano de Pesquisas, São Leopoldo.

SCHMITZ, Pedro Ignácio e outros 1988. Pesquisas sobre a tradição Taquara no nordeste do Rio Grande do Sul. *Arqueologia do Rio Grande do Sul, Brasil. Documentos* 2:5-74. Instituto Anchietano de Pesquisas, São Leopoldo.

SCHMITZ, Pedro Ignácio e outros 1993. Escavações arqueológicas do Pe. João Alfredo Rohr, S.J. – O sítio da praia das Laranjeiras II. Uma aldeia da tradição ceramista Itararé. *Pesquisas, Antropologia* 49. Instituto Anchietano de Pesquisas, São Leopoldo.

SCHMITZ, Pedro Ignácio e equipe 2001. Casas subterrâneas no Planalto Meridional: a origem dos índios Kaingang? *Trabalhos apresentados na XI Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira*. São Leopoldo, Instituto Anchietano de Pesquisas/UNISINOS, p. 22-28.

SILVA, Sérgio Baptista da 2001. *Etnoarqueologia dos grafismos Kaingang: um modelo para a compreensão das sociedades Proto-Jê meridionais*. São Paulo, USP (tese de doutorado).

SILVA, Sérgio Baptista da e outros 1990. Escavações arqueológicas do Pe. João Alfredo Rohr, S.J. – O sítio arqueológico da Tapera: um sítio Itararé e Tupiguarani. *Pesquisas, Antropologia* 45. Instituto Anchietano de Pesquisas, São Leopoldo.

SULLIVAN III, Alan P. & ROZEN, Kenneth C. 1985. Debitage analysis and archaeological interpretation. *American Antiquity*, v. 50, nº 4: 755-779.

PESQUISAS

Publicações de Antropologia

1. **Um Paradeiro Guarani no Alto Urugual.** Pedro Ignácio Schmitz. Pesquisas 1, 1957, p.122-142. *Esgotado - xerox.*
2. **Os Iranche, Contribuição para o Estudo Etnológico da Tribo.** José de Moura. Pesquisas 1, 1957, p.143-180, anexo p.293-295. *Esgotado – xerox.*
3. **Paradeiros Guaranis em Osório (Rio Grande do Sul) -** Pedro Ignácio Schmitz. Pesquisas 2, 1958, p.113-143. *Esgotado – xerox.*
4. **Pesquisas Páleo-Etnográficas na Ilha de Santa Catarina.** Pe. João Alfredo Rohr. Pesquisas 3, 1959, p.199-266. *Esgotada – xerox.*
5. **A Cerâmica Guarani da Ilha de Santa Catarina e a Cerâmica da Base Aérea.** Ignácio Schmitz. Pesquisas 3, 1959, p.267-324. *Esgotado – xerox.*
6. **Schmuckgegenstände aus den Muschelbergen von Paraná und Santa Catarina**, Südbrasilien - Guilherme Tiburtius. Pesquisas, 1960, Antropologia nº 6, 60p.
7. **Objetos Zoomorfos do Litoral de S. Catarina e Paraná -** Guilherme Tiburtius e Iris Koehler Bigarella. Pesquisas 1960, Antropologia nº 7, 51p., 13 tab.
8. **Pesquisas Páleo-Etnográficas na Ilha de Santa Catarina, II** –João Alfredo Rohr. Pesquisas 1960, Antropologia nº 8, 32p., 5 fig. 1 mapa.
9. **Juan del Oso en los Tuztlas.** J. Hasler Pesquisas 1960, Antropologia nº 9, 17p.
10. **Os Munkü, 2ª contribuição ao estudo da tribo Iranche.** José de Moura. Pesquisas 1960, Antropologia nº 10, 59p.
11. **Wildschweinhauer als Werkgeräte,** aus den Muschelhaufen von Paraná und Santa Catarina, Südbrasilien. Guilherme Tiburtius. Pesquisas 1961, Antropologia nº 11, 28p., 5 Abb.
12. **Pesquisas Páleo-Etnográficas na Ilha de Santa Catarina, e Notícias Prévias Sobre Sambaquis da Ilha de São Francisco do Sul, II.** João Alfredo Rohr. Pesquisas 1961, Antropologia nº 12, 18p., 12 fig.
13. **Notícias de uma Indústria Lítica no Planalto Paranaense.** Igor Chmyz. Pesquisas 1962, Antropologia nº 13, 19p., 7 fig.
14. **Pesquisas Páleo-Etnográficas na Ilha de Santa Catarina e Sambaquis do Litoral Sul-Catarinense, IV (1961).** João Alfredo Rohr. Pesquisas 1962, Antropologia nº14, 27p.,10 fig.
15. **Pesquisas Arqueológicas em Santa Catarina: I. Exploração sistemática do sítio de Praia de Tapera. II. Os sítios arqueológicos do Município de Itapiranga.** João Alfredo Rohr. Pesquisas 1966, Antropologia nº 15, 61p., 1 mapa, 4 pranchas.
16. **Arqueologia no Rio Grande do Sul.** Pedro Ignácio Schmitz. e outros. Pesquisas 1967, Antropologia nº 16, 58p., 5 fig., 6 pranchas.
17. **O Sítio Arqueológico de Alfredo Wagner, SC VI 13.** João Alfredo Rohr. Pesquisas 1967, Antropologia nº 17, 24p., 7 fig. fora do texto.
18. **Anais do Segundo Simpósio de Arqueologia da Área do Prata.** Pesquisas 1968, Antropologia nº 18, 190p., 1 tabela, 9 pranchas fora do texto.
19. **Petroglifos da Ilha de Santa Catarina e Ilhas adjacentes.** João Alfredo Rohr. Pesquisas 1969, Antropologia nº 19, 30p., 15 fig., 1 foto.
20. **Anais do III Simpósio de Arqueologia da Área do Prata e Adjacências.** Pesquisas 1969, Antropologia nº 20, 216p., 30 pp. de ilustrações.
21. **Sugestões para uma tipologia lítica para o Interior do Sul do Brasil.** Tom 0. Miller, Jr. Pesquisas 1969, Antropologia nº 21, 48p., 18 fig. fora do texto.
22. **Os sítios arqueológicos do município sul-catarinense de Jaguaruna.** João Alfredo Rohr. Pesquisas 1969, Antropologia nº 22, 37p., 1 mapa, 2 fig.,2 pr. fora do texto.
23. **Arqueologia do Vale do Rio Pardinho** (comparações com material proveniente do Alto Jacuí), 1ª parte. Pedro Ignácio Schmitz e outros. Pesquisas 1970, Antropologia nº 23, 54p.,12 pranchas, 2 tábuas fora do texto.
24. **Os sítios arqueológicos do Planalto Catarinense.** João Alfredo Rohr. Pesquisas 1971, Antropologia nº 24, 56p., 12 fig., 4 pr. fora do texto.
25. **Os Espíritos Maus dos Nanbikuara e Quinze Lendas dos Rikbaktsa.** Pe. Adalberto Holanda Pereira. Pesquisas 1973, Antropologia nº25 48p.
26. **A morte e a outra vida dos Nanbikuara. Lendas dos Índios Nanbikuara.** Pe. Adalberto Holanda Pereira. Pesquisas 1974, Antropologia nº 26, 54p.
27. **Lendas dos Índios Iránxe.** Pe. Adalberto H. Pereira. Pesquisas 1974, Antrop. nº 27, 84p.
28. **História dos Munkü (Iránxe).** Pe. Adalberto Holanda Pereira e Pe. José de Moura e Silva. Pesquisas 1976, Antropologia nº 28, 40p.
29. **O Índio Kaingáng no Rio Grande do Sul.** Ítala Irene Basile Becker. Pesquisas 1976, Antropologia nº 29, 264p.
30. **Sítios de Petroglifos nos Projetos Alto-Tocantins e Alto-Araguaia, Goiás.** Pedro Ignácio Schmitz, Silvia Moehlecke, Altair Sales Barbosa. Pesquisas 1979, Antropologia nº 30, 73p.
31. **Estudos de arqueologia e pré-história brasileira em memória de Alfredo Teodoro Rusins.** Pedro Ignácio Schmitz (Ed.). Pesquisas 1980, Antropologia nº 31, 249p.
32. **Contribuciones a la prehistoria de Brasil.** Pedro Ignácio Schmitz. Pesquisas 1981, Antropologia nº 32, 243p.

33. **Arqueologia do Centro-Sul de Goiás. Uma fronteira de horticultores indígenas no Centro do Brasil.** Pedro Ignácio Schmitz, Irmhild Wüst, Silvia Moehlecke Copé, Ursula Madalena Elfriede Thies. Pesquisas 1982, Antropologia nº 33, 281p.
34. **Petroglifos do Estilo Pisadas no Centro do Rio Grande do Sul.** Pedro Ignácio Schmitz, José Proenza Brochado. **Projeto Médio-Tocantins: Monte do Carmo, GO. Fase Ceramista Pindorama.** Altair Sales Barbosa, Pedro Ignácio Schmitz, Angélica Stobäus, Avelino Fernandes de Miranda. Pesquisas 1982, Antropologia nº 34, 93p.
35. **O Povoamento Tupiguarani no Baixo Ijuí, RS, Brasil.** Jussara Louzada Ferrari, Pesquisas 1983, Antropologia nº 35, 132p.
36. **O Pensamento Mítico dos Nambikwára.** Adalberto Holanda Pereira. Pesquisas 1983, Antropologia nº 36, 144p.
37. **El Indio y la Colonización.** Ítala Irene Basile Becker. Pesquisas 1984, Antropologia nº 37, 288p.
38. **Prehistoria del N.E. Argentino, sus Vinculaciones con la República Oriental del Uruguay y sur de Brasil.** Maria Amanda Caggiano. Pesquisas 1984, Antropologia nº 38, 109p.
39. **O pensamento Mítico do Iránxe.** Adalberto Holanda Pereira. Pesquisas 1985, Antropologia nº 39, 167p.
40. **Craniometria Radiográfica em População Pré-Histórica Brasileira; Ecologia e Cultura Material; Estratégias Usadas no Estudo dos Caçadores do Sul do Brasil - Alguns Comentários; Fase Itapiranga: Sítios de Tradição Planáltica; O Material Lítico do Sítio RS-CA-14, Capão Grande, Camaquã, RS.** Pe. João Alfredo Rohr. e outros. Pesquisas 1985, Antropologia nº 40, 144p.
41. **O pensamento Mítico do Paresi - Primeira Parte.** Adalberto Holanda Pereira. Pesquisas l986, Antropologia, nº 41, 441p.
42. **O Pensamento Mítico do Paresi - Segunda Parte** - Adalberto Holanda Pereira. Pesquisas 1987, Antropologia, nº 42, 398p.
43. **Paleogenética dos Grupos Pré-Históricos do Litoral Sul do Brasil (Paraná e Santa Catarina).** Walter Alves Neves. Pesquisas 1988, Antropologia nº 43, 178p.
44. **Arqueologia nos Cerrados do Brasil Central. Serranópolis I.** Pedro Ignácio Schmitz, Altair S. Barbosa, André L.Jacobus e Maira B.Ribeiro. Pesquisas 1989, Antropologia nº 44, 208p.
45. **Escavações Arqueológicas do Pe. João Alfredo Rohr. O Sítio Arqueológico da Praia da Tapera: Um Assentamento Itararé e Tupiguarani.** Sérgio Baptista de Silva, Pedro Ignácio Schmitz, Jairo Henrique Rogge, Marco Aurélio Nadal de Masi e André Luiz Jacobus. Pesquisas 1990, Antropologia nº 45, 210p.
46. **História da Arqueologia Brasileira.** Alfredo M. de Souza. Pesquisas 1991, Antropologia nº 46, 157p.
47. **Lideranças Indígenas no Começo das Reduções da Província do Paraguay.** Ítala Irene Basile Becker. Pesquisas 1992, Antropologia nº 47,197p.
48. **Escavações Arqueológica do Pe. João Alfredo Rohr. O Sítio Arqueológico da Armação do Sul.** Pedro Ignácio Schmitz, Marco Aurélio Nadal de Masi, Ivone Verardi, Rodrigo Lavina e André Luis Jacobus. Pesquisas 1993, Antropologia nº 48, 220p.
49. **Escavações Arqueológicas do Pe. João Alfredo Rohr; O Sítio da Praia das Laranjeiras II. Uma Aldeia de Tradição Ceramista Itararé.** Pedro Ignácio Schmitz, Ivone Verardi, Marco A.Nadal de Masi, Jairo H. Rogge e André L. Jacobus, Pesquisas 1993, Antropologia nº 49, 181p.
50. **O Pensamento Mítico do Rikbaktsa.** Adalberto Holanda Pereira. Pesquisas 1994, Antropologia nº 50, 336p.
51. **O Pensamento Mítico Kayabi.** Adalberto H. Pereira. Pesquisas 1995, Antropologia nº 51, 160p.
52. **Arqueologia nos Cerrados do Brasil Central - Sudoeste da Bahia e Leste de Goiás: O Projeto Serra Geral** Pedro Ignácio Schmitz, Altair Sales Barbosa, Avelino Fernandes de Miranda, Maira Barberi Ribeiro e Mariza de Oliveira Barbosa. Pesquisas 1996, Antropologia nº 52, 198p.
53. **Escavações Arqueológicas do Pe. João Alfredo Rohr: Laranjeiras I, Pântano do Sul e Cabeçudas.** Pedro Ignácio Schmitz, Ana Luiza Vietti Bitencourt e Ivone Verardi. Pesquisas 1996, Antropologia nº 53, 193p.
54. **Aterros Indígenas no Pantanal do Mato Grosso do Sul.** Pedro Ignacio Schmitz, Jairo H.Rogge, André O.Rosa, Marcus V.Beber. Pesquisas 1998, Antropologia nº 54, 271p.
55. **Içara: um jazigo mortuário no litoral de Santa Catarina.** Pedro Ignacio Schmitz e outros. Pesquisas 1999, Antropologia nº 55, 164p.
56. **Lideranças Kaingang no Brasil Meridional (1808-1889).** Luis Fernando da Silva Laroque. Pesquisas 2000, Antropologia nº 56, 220p.
57. **Pescadores Coletores da Costal Sul do Brasil.** Marco Aurelio Nadal de Masi. Pesquisas 2001, Antropologia nº 57, 136p.

Composto e Impresso pela Gráfica UNISINOS
Universidade do Vale do Rio dos Sinos
São Leopoldo – RS – Brasil